

ALEXSANDRO PEREIRA DE ALMEIDA

Caminhos do Saber: Estratégias para ensinar inglês a alunos do ensino médio em uma escola da rede pública de São Paulo

Curso de Especialização em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de
Inglês na Escola Pública

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2011

ALEXSANDRO PEREIRA DE ALMEIDA

CAMINHOS DO SABER: Estratégias para ensinar inglês a alunos do ensino médio
em uma escola da rede pública de São Paulo

Curso de Especialização em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de
Inglês na Escola Pública

Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção do
título de Especialista em Práticas
Reflexivas e Ensino-Aprendizagem
de Inglês na Escola Pública, sob
orientação da professora mestre
Márcia Mathias Pinto.

PUC/SP-COGAE

São Paulo

2011

BANCA EXAMINADORA

Dedico esta pesquisa ao Criador Jeová, pela sabedoria e saúde a mim concedidas, à minha mãe, Maria Ribeiro Pereira, e à minha esposa, Daiane Leite de Moura, que sempre me apoiaram em minhas conquistas.

Agradecimento Especial

À Professora Mestre Márcia Mathias Pinto, pela extrema dedicação, afetividade e competência com que me orientou na elaboração desta pesquisa, dedicando, assim como eu, dias de seu precioso tempo para ajudar-me a conseguir um resultado satisfatório.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde, força e coragem, para em meio a tantos afazeres (que não são poucos), conseguir encaixar um momento de aperfeiçoamento pessoal e profissional.

À Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, cujo apoio financeiro tornou possível este curso de Especialização.

Aos meus alunos, sem os quais esta pesquisa não teria acontecido.

À minha mãe, Maria Ribeiro Pereira, por ter me incentivado a estudar e ser uma pessoa honesta e trabalhadora.

À minha esposa, Daiane Leite de Moura, por me amar e ficar ao meu lado, mesmo quando quase não sobra um tempinho para ela.

Aos meus amigos de sala: Ana, Cristina, Daniel, Silvia e Jussara e aos demais, por me apoiarem e fazerem de nossos encontros sempre momentos agradáveis.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar que efeitos relacionados a motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa, e que impressões de aprendizagem os alunos revelam ao serem expostos à atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos. Com esta pesquisa, me repropus a analisar a evolução dos alunos em relação aos conteúdos de língua inglesa ensinados e perceber se estavam motivados para aprender. Este estudo fundamenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998) e na abordagem sócio-interacionista de ensino-aprendizagem proposta por Vygotsky (1998). O trabalho foi realizado na sala de aula do professor-pesquisador, com 41 alunos da 2ª série do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública Estadual de São Paulo. A coleta de dados realizou-se por meio de dois questionários e pelo diário digital com notas de campo do professor. A atividade analisada foi realizada a partir dos resultados práticos de aulas com ênfase na oralidade de língua inglesa. Após uma sequência de lições temáticas, baseadas em situações reais, possíveis de ser vivenciadas pelos alunos, os mesmos foram estimulados a, em grupo, produzir suas próprias falas em forma de diálogos. A partir dos textos prontos, os diálogos passaram a ser praticados, proporcionando-lhes a oportunidade de treinar a pronúncia e a escrita. Os diálogos foram ensaiados e transformados em mini-vídeos, produzidos e editados pelos alunos sob minha orientação, como pesquisador e professor da turma. Na referida atividade, os alunos assumiram o papel de protagonistas e o professor, como mediador do conhecimento, os conduziu à realização da tarefa proposta. Em relação à aprendizagem, os resultados revelaram que os alunos ficaram mais motivados a aprender inglês por meio da criação de diálogos e isso os ajudou a perceber que são capazes de se comunicar em situações simples. Os ensaios e as filmagens facilitaram a memorização e o desempenho oral dos alunos. Os resultados sugerem que atividades que envolvam situações reais, possíveis de serem vividas pelos alunos, seguidas de exercícios de produção oral e escrita ensaiados e filmados, podem favorecer a produção oral em língua inglesa e o aperfeiçoamento tecnológico dos alunos, além de romper bloqueios e motivá-los a estudar.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I - Fundamentação teórica	04
1.1 PCN-LE	04
1.2 Concepções de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira	07
1.2.1 Behaviorismo	07
1.2.2 Cognitivismo	08
1.2.3 Sociointeracionismo	09
1.2.3.1 Vygotsky e a Teoria Sócio Histórica	09
1.3 Relação entre aspectos teóricos e atividades desenvolvidas	10
Capítulo II – Metodologia	13
2.1 Contexto da pesquisa	14
2.1.1 A escola	14
2.1.2 Descrição da comunidade	15
2.1.3 A turma escolhida	16
2.1.4 Os alunos participantes	16
2.1.5 O professor pesquisador	17
2.1.6 As aulas	18
2.1.6.1 Sequência metodológica das aulas	20
2.1.6.2 Leitura	21
2.1.6.3 Diálogos	21
2.1.6.4 Vídeos	22
2.1.6.5 As situações de uso da língua inglesa	23
2.2 Instrumentos de pesquisa	30
2.2.1 Questionários	30
2.2.2 Diário Digital	31
2.3 Os procedimentos de análise	32
Capítulo III – Apresentação e Discussão dos Dados	36
3.1 Efeitos de abordagem prática pautada na oralidade	36
3.1.1 Análise do questionário 1	37
3.1.2 Análise do questionário 2	51
3.2 Questionário 1	66
3.3 Questionário 2	67

Considerações Finais	70
Referencias Bibliográficas	74
Anexos	75
Anexo 1 - Questionário 1	75
Anexo 2 - Questionário 2	77
Anexo 3 - Descrição das aulas	78
Anexo 4 - Diário digital do professor	86

Índice dos Quadros

Capítulo II: Metodologia

Quadro nº 2.1: Questionários e pergunta de pesquisa 1	33
Quadro nº 2.2: Questionários e pergunta de pesquisa 2	34
Quadro nº 2.3: Trajetória de aprendizagem da língua inglesa	35

Capítulo III: Apresentação e discussão dos dados

Quadro nº 3.1: Faixa etária	37
Quadro nº 3.2: Percepções quanto ao aprendizado	37
Quadro nº 3.3: Aceitação das aulas de inglês	39
Quadro nº 3.4: Aprendizagem em diversas etapas metodológicas	42
Quadro nº 3.5: Interesse em aprender outro idioma	43
Quadro nº 3.6: Como os alunos preferem aprender inglês	44
Quadro nº 3.7: Aprendizagem anterior de inglês	46
Quadro nº 3.8: Atividades nas aulas de inglês das séries anteriores	47
Quadro nº 3.9: O que os alunos sabem reconhecer em relação às frases ensinadas	48
Quadro nº 3.10: Grau de inibição dos alunos para falar Inglês durante as aulas	48
Quadro nº 3.11: Bloqueios que impedem a aprendizagem dos alunos	50
Quadro nº 3.12: Relatos sobre o grau de importância das frases ensinadas	51
Quadro nº 3.13: Frases em inglês mais citadas pelos alunos	51
Quadro nº 3.14: Impressões de Aprendizagem da Língua Inglesa	53
Quadro nº 3.15: Como os alunos se sentem ao realizar as atividades do projeto	55
Quadro nº 3.16: Como foi o aprendizado no período da proposta de trabalho	55
Quadro nº 3.17: Como os alunos se sentiram ao apresentar os vídeos para a classe	57
Quadro nº 3.18: Sensação que os alunos tiveram de produzir diálogos e assisti-los	57
Quadro nº 3.19: Opinião dos alunos sobre a atividade de filmar os diálogos	59
Quadro nº 3.20: Avaliação dos alunos para o aprendizado de pronúncia	62
Quadro nº 3.21: Como eram as aulas de Inglês anteriores	64

Introdução

Esta pesquisa surgiu do meu questionamento a respeito dos resultados das aulas de inglês por mim ministradas, e, por meio dela, busco identificar formas para motivar os alunos da Segunda Série B, da Escola Estadual Mário Kozel Filho, a aprender os conteúdos ensinados.

Quero encontrar caminhos para melhor contemplar os desejos e as necessidades dos alunos quanto à aprendizagem de língua inglesa e motivá-los para a oralidade, já que, com o advento da tecnologia e a globalização, seu uso nas práticas sociais torna-se cada vez mais necessário.

Após anos desenvolvendo projetos e ensinando Inglês para comunidades carentes, pude perceber que os adolescentes não estão motivados para aprender essa língua na escola pública e acham que aprender inglês e, particularmente, desenvolver a habilidade de compreensão e produção oral não é possível fora da rede particular de ensino e de institutos de idiomas, reiterando o mito de que não se aprende Inglês na escola pública.

Nos últimos anos em que tenho lecionado no bairro de Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo/SP, dedico minhas aulas a observar as melhores estratégias de aprendizagem e acredito que uma abordagem didática com ênfase na prática da oralidade e conversação tende a atrair a atenção dos discentes e torná-los pessoas mais interessadas e motivadas a aprender, com capacidade bem maior de se concentrar e de se comunicar em várias situações cotidianas.

Quando ingressei na rede pública de ensino, já nos primeiros dias de aula, pude perceber que muitos alunos tinham comportamento agressivo, não se concentravam e depredavam o prédio constantemente. A grande maioria achava a escola um lugar chato e acreditava que as aulas de inglês não contemplavam sua realidade social e cultural.

Ao observar os alunos, tenho percebido que o que falta para motivá-los é uma abordagem prática, por meio da qual eles sintam que estão aprendendo e que podem usar o que aprenderam em algum lugar. Faltam conteúdos que para eles façam sentido,

algo que lhes dê prazer de estar ali. Com base na minha experiência prática, acredito que a ênfase na oralidade tem a capacidade de trazer a vontade de aprender e pesquisar. Muitos alunos têm interesse em ingressar no mercado de trabalho e sentem a necessidade de conhecer e usar a língua estrangeira moderna como instrumento de acesso a uma melhor posição profissional. Observo que eles gostam de trabalhar em grupo, querem interpretar informações, conhecer outras culturas e grupos sociais.

Percebo que os alunos preferem atividades que envolvam oralidade e, portanto, estão interessados em falar e entender a língua inglesa. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua estrangeira (1998), doravante citados como PCN-LE, que indicam que “os conteúdos propostos devem ter por base que o uso da linguagem na comunicação envolva o conhecimento sistêmico (vocabulário, gramática e fonologia), conhecimento de mundo, de organização textual (conhecimento de diferentes gêneros textuais) e as 4 habilidades (compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral),” (PCN-LE:65-75) com esta pesquisa pretendo identificar e propor caminhos para que os alunos desenvolvam as habilidades de falar, ouvir, ler e escrever na língua inglesa por meio de situações contextualizadas, sempre envolvendo exemplos da comunidade local e personagens da sala de aula.

Venho colocando em prática nas minhas aulas de inglês da rede pública um conjunto de atividades a que dou o nome de “*English for Life*”. Nele as atividades orais desenvolvidas visam ministrar os conhecimentos, seguindo os princípios de aprendizagem significativa, que se justificam pelo fato de envolverem situações reais, possíveis de serem vividas pelos alunos, uma vez que os mesmos vão necessitar da língua no mercado de trabalho e para uso próprio. O objetivo, além da prática da oralidade, é o resgate da auto-estima dos alunos, que assumirão o papel de protagonistas nas situações trabalhadas.

Piaget (1954, 1970) com o conceito de construtivismo e a epistemologia genética, Vygostky (1984, 1987) e o sociointeracionismo e Carl Rogers (1969) com a psicologia humanista, além de terem influenciado a abordagem comunicativa, desenvolveram trabalhos na área da psicologia que influenciam o desenvolvimento de aulas com conteúdos significativos.

Para realizar esta pesquisa, elaborei, apliquei e analisei atividades práticas em língua inglesa com ênfase na oralidade, envolvendo situações que vivenciamos todos os dias, com o propósito de preparar os alunos para que possam usar a língua para se comunicar em algumas situações típicas do dia-a-dia, compreender enunciados e informações escritas. Este trabalho talvez possa me ajudar a compreender e solucionar algumas causas de desinteresse e defasagem nas aulas de inglês, visando descobrir caminhos para ensinar e ainda atrair o interesse dos alunos, sem deixar de manter harmonia com a proposta curricular do estado de São Paulo.

Minha meta é motivar os alunos a aprender inglês, ampliar a capacidade de comunicação e interação, e propiciar estratégias para que eles possam intervir na sociedade, possibilitando assim, que se tornem agentes transformadores da realidade. Para atingir os objetivos propostos, busco respostas para as seguintes perguntas de pesquisa:

1 - O que os alunos acharam de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?

2 - Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?

Essas duas perguntas de pesquisa norteiam o desenvolvimento deste trabalho, que está dividido em três capítulos. O capítulo 1, Fundamentação Teórica, apresenta autores cujos trabalhos têm como base questões de motivação e conteúdos ensinados. O capítulo 2, Metodologia de Pesquisa, apresenta a contextualização da pesquisa, o grupo participante, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos usados. No capítulo 3, Apresentação e Discussão dos Dados, apresento os resultados das análises desenvolvidas nesta pesquisa. Seguem as Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos.

Capítulo 1: Fundamentação Teórica

Neste capítulo, apresento os fundamentos teóricos que norteiam esta pesquisa. Num primeiro momento, discuto os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998) – PCN-LE. Em seguida, faço uma breve retrospectiva histórica dos processos de ensino-aprendizagem a partir das abordagens Behaviorista, Cognitivista e Sociointeracionista, que contemplam as ideias de seus principais representantes: Skinner (1957), Piaget (1972) e Vygotsky (1934/1998).

1.1 Parâmetros Curriculares Nacionais-Língua Estrangeira (doravante PCN-LE)

Esta pesquisa tem como foco o ensino de Inglês como língua estrangeira no contexto da Escola Pública, por meio de atividades focadas na oralidade, que servirão de estratégias para ensinar inglês a alunos do ensino médio, em uma escola da rede pública de São Paulo, e se embasa nos PCN-LE pela concepção teórica de ensino-aprendizagem Sociointeracionista.

Com base nos PCN-LE (1998: 65-75), que indicam que “os conteúdos propostos devem ter por base que o uso da linguagem na comunicação envolva o conhecimento sistêmico (vocabulário, gramática e fonologia), conhecimento de mundo, de organização textual (conhecimento de diferentes gêneros textuais) e as 4 habilidades (compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral),” esta pesquisa busca propor caminhos para que os alunos desenvolvam as habilidades de falar, ouvir, ler e escrever por meio de situações contextualizadas.

Na perspectiva Sociointeracionista, as atividades orais dramatizadas se justificam pela interação social e pela idéia de que com o outro aprende-se mais do que sozinho, de forma que os alunos sejam participantes da interação e parceiros na zona de construção do conhecimento.

Considerados um referencial para promover a reflexão sobre os currículos estaduais e municipais, os PCN-LE são o conjunto dos direcionamentos que visam estabelecer referenciais a partir dos quais a educação possa atuar decisivamente no processo de construção da cidadania. Esses referenciais configuram uma proposta aberta e flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e buscam orientar e garantir a coerência das políticas de melhoria da qualidade de ensino, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (PCN, Introdução 5ª a 8ª, 1998:50).

Nesse contexto, com o objetivo de ensinar Inglês como língua estrangeira na Escola Pública e restaurar o papel da formação educacional, uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem (PCN-LE, 1998:19).

Os PCN-LE (Brasil, 1998:19) indicam que a aprendizagem de língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por isso, ela vai se centrar no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso, de modo a poder agir no mundo social. Diante disso, os PCN-LE (1998:27) contemplam a natureza sociointeracional da linguagem, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. Nesse sentido, a construção do significado é social, gerada por encontros interacionais que acontecem no mundo social.

Os PCN-LE do Ensino Fundamental (1998:29) citam três tipos de conhecimento que compõem a competência comunicativa do aluno e o preparam para o engajamento discursivo e processo de construção de significados de natureza sociointeracional, a

saber: 1- O conhecimento sistêmico, que envolve os vários níveis da organização linguística que as pessoas têm, como os conhecimentos léxico-semânticos, morfológicos, sintáticos e fonético-fonológicos, que possibilitam escolhas gramaticalmente adequadas ou que compreendam enunciados apoiando-se no nível sistêmico de língua ao produzir enunciados; 2- Conhecimento de mundo, que é o conhecimento convencional sobre as coisas do mundo, isto é, seu pré-conhecimento armazenado na memória e construído ao longo de suas experiências vividas e 3- Conhecimento da organização textual, como aquele que as pessoas usam para organizar as informações contidas em textos orais e escritos.

No que se refere à aprendizagem de língua estrangeira, os PCN-LE (1998:37) mencionam que o conhecimento da organização textual contribui para o processo educacional como um todo, indo além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas, com a possibilidade de proporcionar aos alunos uma conscientização acerca da organização linguística em vários níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, léxico-semântico e textual. Possibilita, também, uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve a consciência do funcionamento da própria língua materna.

A respeito do papel educacional da língua estrangeira, os PCN-LE (1998:38) indicam que o papel educacional da língua estrangeira é importante para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar aos alunos essa nova experiência de vida. Os PCN - LE (1998:54) indicam que o ensino de uma língua estrangeira na escola tem um papel fundamental, uma vez que permite aos alunos entrar em contato com outras culturas, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade. Dessa forma, é importante ressaltar que o ensino de uma língua estrangeira impõe para o professor desafios perante um trabalho que permita aos alunos confiar na própria capacidade de aprender e interagir de forma cooperativa com os colegas. Sendo assim, com a mediação do professor, os alunos devem aprender a compreender e respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem.

Cabe dizer, também, que de acordo com os PCN-LE (Brasil, 1998:55), um dos caminhos a se trilhar é o estímulo à capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir,

interpretar situações, pensar de forma criativa, fazer suposições, inferências em relação aos conteúdos, ações essas que permitem ampliar a capacidade de abstrair elementos comuns a várias situações, para fazer generalizações e aprimorar as possibilidades de comunicação ao criar significados por meio da utilização da língua.

Dentre os trabalhos citados pelos PCN-LE, o de leitura e interpretação de textos em Língua Inglesa representa um apoio fundamental para a compreensão dos significados, funcionamento e uso da língua estrangeira. Já para a habilidade comunicativa de produção oral, focalizada nesta pesquisa, os PCN-LE (1998:55) sugerem que, desde o início da aprendizagem, a oralidade deve ser incentivada e desenvolvida por meio de diálogos autênticos, que reflitam as situações reais de fala. Essa prática proporciona que, de certa forma, se amplie a consciência dos alunos sobre os sons da língua, bem como a importância que a produção oral tem no exercício das interações sociais. Diante disso, acredito que minha proposta de trabalho com a elaboração de diálogos, para serem dramatizados e gravados, seja relevante, porque promove esse desenvolvimento, contribui para que os alunos melhorem seu desempenho oral e proporciona uma vivência de papéis sociais.

Os PCN-LE (1998:55) pontuam, também, as concepções teóricas que têm orientado os processos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira: a visão behaviorista, a cognitivista e a sociointeracionista. Conhecer essas concepções é importante, pois elas nortearam e norteiam a prática dos professores de Língua Inglesa no contexto nacional, e entendê-las pode permitir uma reflexão sobre questões de aprendizagem de língua estrangeira que auxiliam o professor de inglês a ensinar alunos brasileiros. Portanto, acredito que essas concepções de ensino-aprendizagem são fundamentais para entendermos os processos de ensino nos momentos históricos da educação em relação à aprendizagem e ao papel do professor e do aluno.

1.2 Concepções de ensino-aprendizagem de língua estrangeira

A pós-modernidade requer um indivíduo cujas competências lhe garantam resolver problemas do cotidiano, levando-se em conta a versatilidade, o improviso e a criatividade, aliados aos conhecimentos historicamente construídos, que deverão estar

impressos na formação desse novo perfil de cidadão. Para enfrentar os desafios dessa realidade, o papel da escola passa a ser fundamental na medida que tem como função ampliar os conhecimentos dos alunos ao entrarem em contato com outras culturas ou novas formas de interpretar o mundo. Três concepções teóricas se apresentam importantes na história do ensino-aprendizagem de inglês na escola de modo geral: a behaviorista, a cognitivista e a sociointeracionista.

1.2.1 Behaviorismo

Segundo William e Burden (1997:9), na visão behaviorista de Skinner, o homem é considerado produto das influências existentes no meio ambiente. Quanto ao processo ensino-aprendizagem, o aluno é considerado como um recipiente de informações e de reflexões. O comportamento deve ser passivo e direcionado para as finalidades de caráter social, ou seja, deve se enquadrar no conteúdo socialmente aceito. De acordo com os autores, Skinner sugere que se adotem quatro procedimentos para instrução como forma de educação: 1) o professor deve explicitar o que vai ser ensinado; 2) as tarefas devem ser dadas em um número menor e realizadas passo a passo; 3) os alunos devem ser encorajados a trabalhar no seu próprio ritmo, individualmente; 4) a aprendizagem deve ser programada, incorporada aos procedimentos acima e fornecer um reforço positivo imediato bastante próximo a 100 por cento de acertos.

Pertencente à escola positivista, a visão behaviorista de aprendizagem foi largamente difundida pelos professores de línguas e foi uma influência poderosa no desenvolvimento do método áudio-lingual para o aprendizado de línguas. Quando essa teoria é aplicada ao ensino de línguas, a língua é vista como um comportamento a ser ensinado. Segundo os PCN-LE (1998:56), essa visão na sala de aula de língua estrangeira resultou no uso de metodologias que enfatizavam exercícios de repetição e substituição.

Nesse sentido, segundo Williams e Burden (1997:11), o foco do behaviorismo está centrado nas respostas que os alunos dão aos estímulos pelo método áudio-lingual de apresentação, prática, repetição e substituição. O erro do aluno deve ser corrigido imediatamente para não afetar negativamente o processo de aprendizagem. Essa visão

de ensino é associada a uma pedagogia corretiva. Já o professor é visto como detentor do conhecimento, controlador de tudo, um modelo a ser seguido

1.2.2 **Cognitivismo**

Na concepção cognitivista, que tem como teórico representante Jean Piaget (1972), o indivíduo é considerado como um sistema aberto, sempre em busca de um estágio final, pois o homem e o mundo interagem simultaneamente, produzindo, dessa forma, o conhecimento.

Segundo Williams e Burden (1997:21), essa concepção se opõe ao behaviorismo que vê o aprendizado como um acúmulo de conhecimento. O construtivismo vê o indivíduo como responsável pela construção do conhecimento, a partir de suas experiências. Para esses autores, Piaget considera o desenvolvimento cognitivo do ser humano um processo de maturação, durante o qual a genética e a experiência interagem.

O desenvolvimento da mente, nessa visão de ensino-aprendizagem, é visto como uma constante procura pelo equilíbrio entre o que se sabe e o que está sendo aprendido. Esta é uma realização do processo complementar de assimilação e acomodação. A assimilação é o processo em que a informação nova é incorporada a esquemas já existentes. A acomodação, por outro lado, é o processo pelo qual nós modificamos o que já sabemos para levar em conta novas informações.

O método de ensino com base na teoria Piagetiana deve ser pautado na pesquisa, na investigação e na solução de problemas por parte dos alunos. O erro do aluno passa a ter caráter construtivo e é considerado como parte do processo de aprendizagem. Para Piaget (1972), o sujeito construtivista é o sujeito ativo, construtor de seu conhecimento, a partir de suas próprias experiências.

Ainda segundo Williams e Burden (1997: 26), o aprendizado é um processo ativo onde os aprendizes constroem novas idéias baseadas em conhecimentos anteriores, encorajando os aprendizes a descobrir por eles próprios as soluções dos problemas educacionais.

1.2.3 Sociointeracionismo

Na visão sociointeracionista que tem em Vygotsky (1934/1998) seu representante, o homem é sujeito da educação, o que evidencia sua interação com o mundo, numa abordagem sócio-histórica do comportamento humano. Segundo o autor (1934/1998: 71), é na mediação que se revela o sujeito não apenas ativo, mas interativo. A evolução intelectual caracteriza-se por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para o outro (Vygotsky, 1934/1998: 119). A respeito disso, preconizou o conceito da zona de desenvolvimento proximal, definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado por aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial, que se refere àquilo que a criança ainda não domina, mas é capaz de realizar com a ajuda de alguém.

Portanto, na sala de aula, a interação entre os alunos, professores e/ou colegas de classe propicia a construção do conhecimento compartilhado. A questão central dessa abordagem é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio e com o outro, o que se aplica à atividade oral de elaboração de diálogos e dramatização usada nesta pesquisa.

1.2.3.1 Vygotsky e a teoria sociohistórica

Acredito que vários aspectos da teoria de Vygotsky (1934/1998) condizem com a proposta do meu projeto *“English for Life”* e consequentemente com as atividades de produção de diálogos, dramatização e filmagem dos mesmos. De acordo com Vygotsky (1934/1998: 52-53), é por meio da aprendizagem nas relações com os outros que construímos os conhecimentos que permitem nosso desenvolvimento mental. Sob essa perspectiva, nascemos dotados apenas de funções psicológicas elementares, como os reflexos e a atenção involuntária, presentes em todos os animais mais desenvolvidos. Com o aprendizado cultural, no entanto, parte dessas funções básicas transforma-se em funções psicológicas superiores, como a consciência e o planejamento, características exclusivas do homem. Essa evolução acontece pela elaboração das informações recebidas do meio.

Para Vygotsky (1934/1998: 75), um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois no interior da criança (intrapsicológico). Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.

A abordagem de Vygotsky define o aprendizado como um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores como, por exemplo, a linguagem e a memória. Vygotsky (1934/1998: 110) considera que a criança começa a aprender assim que nasce e começa a ter contato com as pessoas com quem convive. Isso significa que, antes da criança obter o aprendizado escolar, ela já adquiriu um aprendizado anterior por meio das interações com o meio e com os outros. Dessa forma, segundo a teoria vygotskyana, a evolução intelectual é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para outro, que sugere dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento proximal. No primeiro, o nível de conhecimento se caracteriza por funções que já amadureceram, isto é, fases já alcançadas pela criança. Já o segundo nível é caracterizado por aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação.

1.3 Relação entre aspectos teóricos e a atividade oral desenvolvida nesta pesquisa

No desenvolvimento das atividades orais em foco nesta pesquisa, a metodologia behaviorista se justificou nos exercícios de repetição que visaram à memorização do vocabulário, pois cada aluno repetiu individualmente as frases e depois em grupo. Esta atenção individual me possibilitou conhecer os alunos e teve a intenção de romper os bloqueios emocionais, além de facilitar a memorização. Eu desenvolvia o seguinte procedimento: falava a frase e o aluno repetia comigo e depois individualmente. Conforme os alunos iam repetindo, os demais tinham a possibilidade de ir escutando e memorizando. Nos momentos de recapitulação da matéria, eu falava a frase e eles repetiam em coro.

As características cognitivistas estão presentes na forma como os diálogos e os conhecimentos ministrados nas aulas de inglês foram construídos com os alunos. Nas aulas, aprendemos frases que mudam conforme o contexto necessário, e, na atividade de construção de diálogos, os alunos foram estimulados a formular novas orações a partir dos grupos de palavras ensinados. As aulas aproveitaram o máximo do conhecimento prévio dos alunos e são uma constante procura do equilíbrio entre o que se sabe e o que está sendo aprendido. O professor e os alunos foram responsáveis pela construção do conhecimento, a partir de suas experiências.

Para romper bloqueios, os erros foram vistos de forma natural e passaram a ter caráter construtivo, considerados como parte do processo de aprendizagem. Para formular os diálogos, os alunos assumiram o papel de protagonistas ativos e construíram seu conhecimento a partir de suas próprias experiências.

As características sociointeracionistas estão presentes na interação entre os alunos, professores e/ou colegas de classe, que propiciaram a construção do conhecimento compartilhado. A questão central foi a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio e com o outro, aplicada à atividade oral de dramatização. Pois foi por meio de uma atividade em grupo que a interação e relações com os outros permitiram construir os conhecimentos que levaram à realização da atividade oral proposta.

Os diálogos construídos com os alunos foram baseados na escolha deles, como por exemplo: perceber que está perdido e pedir informações, responder onde fica ou como chegar a determinada rua ou local, alugar coisas, perguntar preços, informar que não está se sentindo bem, pedir por socorro, anotar recados etc. Os alunos formularam as frases baseando-se em seus conhecimentos prévios e no que estudaram nas aulas.

À luz do que foi exposto neste capítulo, o desenvolvimento das atividades em aula foi pautado em aspectos da teoria behaviorista e sociointeracionista. Todas as lições foram temáticas, direcionadas para a prática da oralidade. Pela associação de ideias entre o conhecimento prévio dos alunos e os objetos e figuras usados na apresentação do vocabulário, houve pouca tradução e a língua materna só foi usada para reforçar a assimilação. A compreensão de determinadas palavras foi feita por gestos, imagens e

simulações. O processo de aprendizagem obedeceu à seqüência de ouvir e falar, ler e escrever. As situações de aprendizagem tentaram simular situações cotidianas e as tarefas foram voltadas para a memorização das lições e o incentivo para a prática da oralidade.

Capítulo2: Metodologia de Pesquisa

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa e quantitativa, que busca identificar quais efeitos relacionados a motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade da língua inglesa, e o que os alunos acham de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos. Descrevo o contexto em que a pesquisa ocorreu, os participantes, a proposta de trabalho e as atividades orais, e os instrumentos de coleta e procedimentos para a análise dos dados.

Segundo André (1995), o estudo de caso está interessado em uma instância em particular, isto é, numa determinada instituição, numa pessoa, num programa específico ou currículo. Além disso, é usado quando: a) se deseja conhecer e observar esta instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; b) se está mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que em seus resultados; c) se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno; e d) se quer relatar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.

O estudo de caso caracteriza-se por observar as características individuais de uma unidade em uma criança, uma classe, uma escola ou uma comunidade. Stake (1998) esclarece que o estudo de caso é definido pelo interesse por casos individuais, com características específicas, ou seja, o estudo de caso absorve sua investigação em um único caso a ser estudado em um contexto natural.

De acordo com as características descritas acima, esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois envolve os alunos de língua inglesa de uma sala de aula específica,

de uma determinada escola da rede pública da cidade de São Paulo e foi desenvolvido por mim, como o próprio professor da turma.

Minha opção por este estudo de caso se deu por acreditar que minha pesquisa caracteriza-se “como o processo pelo qual os práticos objetivam estudar cientificamente seus problemas de modo a orientar, corrigir e avaliar suas ações e decisões” (André, 1995).

2.1 Contexto da pesquisa

Nesta seção apresento a escola onde esta pesquisa foi realizada, o bairro onde se localiza a Unidade Escolar, a turma de alunos, o professor pesquisador, a proposta de trabalho e a descrição das aulas de inglês.

2.1.1 A Escola

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Mário Kozel Filho, localizada na periferia de Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo-SP, bairro residencial misturado a grandes pontos comerciais.

A E.E Mário Kozel Filho tem 22 salas de aulas, 1 diretor e 2 vice-diretores, 3 coordenadores: um para o ensino fundamental e dois para o ensino médio. Atende a 2.468 alunos, 152 professores distribuídos entre 67 efetivos, 85 não-efetivos. Nesse universo, apenas 5 professores estão ainda concluindo seus estudos de graduação. Raramente os professores faltam. As reuniões pedagógicas (HTPCs¹) acontecem 3 vezes por semana e a associação de pais e mestre se reúne semestralmente para discutir e aprovar projetos escolares em pauta.

A escola funciona em três períodos: manhã com Ensino Fundamental II e Ensino Médio, à tarde, apenas para o Ensino Fundamental I, e à noite com o Ensino Médio.

O prédio possui salas de aula grandes e arejadas, com paredes lisas e lousa em ótimo estado, área de lazer relativamente grande, cantina, refeitório amplo e arejado, uma

¹ HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo.

sala de vídeo com data show e home theater, uma biblioteca com ótimo acervo e uma sala pequena e arejada para os professores.

No início do ano, é feito o planejamento anual das aulas pelos professores da unidade escolar. É essencial ressaltar que no decorrer do ano são feitos ajustes no planejamento para corrigir desvios e lançar bases para o resto do período. Nesses momentos, em reuniões pedagógicas do final do semestre, os professores verificam se os conteúdos planejados estão adequados às propostas de aprendizagem.

As reuniões bimestrais do conselho de classe e série da escola são normalmente feitas pelos Coordenadores Pedagógicos. Elas são destinadas a possibilitar a inter-relação dos professores entre turnos, séries e turmas. Além disso, analisam os problemas da classe como um todo e os referentes às diferenças individuais dos alunos, e propõem medidas para melhor adaptação do aluno à escola, determinando o conceito bimestral ou final.

A escola assiste os professores, possibilitando que se engajem nos projetos ali criados ou projetos encaminhados pela Secretaria da Educação. A escola possibilita, ainda, outros trabalhos diferenciados. A direção sempre participa de projetos externos, isto é, projetos inovadores que empresas e entidades divulgam junto à Diretoria de Ensino.

As diretoras são muito participativas e circulam pelos corredores das salas de aula, pátio e quadra. Na entrada de cada período, há sempre um representante da direção para recepcionar os alunos, com um inspetor. A escola adota a carteirinha escolar para a entrada do aluno em todos os períodos. Nos períodos matutino e vespertino é obrigatório o uso de uniforme. Já para o noturno, essa regra não é seguida, pois muitos alunos vão para a escola direto do trabalho.

2.1.2 Descrição da Comunidade

O bairro Jardim Noêmia, Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo – SP, onde fica a Escola Estadual Mário Kozel Filho e onde trabalho desde 2005, é uma área residencial misturada a grandes pontos comerciais com aproximadamente 375.111 habitantes e as redondezas da escola são bem carentes. A maioria da população trabalha em lojas ou

indústrias locais, boa parte dos moradores veio do Norte e Nordeste e ocupa áreas invadidas próximas ao rio Tietê.

Os sistemas de água, esgoto, luz e coleta de lixo são regularizados em algumas localidades e a comunidade local costuma comemorar o aniversário do bairro, eventos religiosos e campeonatos futebolísticos.

A Sociedade Amigos do Itaim Paulista é a associação do bairro e muitos dos valores da comunidade são: casa, carro, vestimentas e religião. As subcomunidades são religiosas, futebolísticas e musicais.

Um número considerável de estudantes passa por grandes dificuldades financeiras e há casos de alunos que têm pais ou irmãos presos, drogados e/ou bandidos, e esta realidade também se remete a alguns deles. Há na escola dezenas de alunos cumprindo pena em liberdade assistida. A pobreza nas favelas e a ausência dos pais só favorecem a violência e a baixa auto-estima, que é evidente em alguns adolescentes.

2.1.3 A turma escolhida

Escolhi para esta pesquisa a 2ª série B do Ensino Médio, período noturno, com 45 alunos matriculados e 41 frequentes. A faixa etária varia de 15 a 18 anos. As aulas são de 45 minutos, ministradas uma vez por semana, às 3ª feiras, na primeira e segunda aula.

Um dos fatores que me fizeram escolher essa turma e não outra foi o desafio de motivá-los a aprender, pois no início do ano letivo, em conversa sobre as aulas de inglês que tiveram até então, os alunos relataram que as aulas de inglês são geralmente chatas e que os conteúdos em nada contemplam suas necessidades e são distantes da realidade exigida nos vestibulares e no mercado de trabalho. Quando os questionei a respeito da possibilidade de se aprender a falar inglês por meio de atividades orais que refletem situações cotidianas, mas, necessárias em nosso dia-dia, como: perguntar preços, pedir informações, alugar coisas, anotar recados, pedir para falar com determinada pessoa, pedir socorro ou informar caso passe mal, etc., os alunos revelaram interesse em aprender a falar inglês dessa forma e demonstraram que acreditam que as aulas de

inglês devem proporcionar essa prática da produção oral e que há o interesse pela língua.

Contei aos alunos que meu projeto *“English for Life”*, com as atividades apresentadas era a minha proposta de trabalho para o semestre e que ela também fazia parte da minha pesquisa de conclusão do curso de Especialização, de forma que eles seriam participantes. Todos concordaram!

2.1.4 Os alunos participantes

O registro de classe dessa turma indica 44 alunos matriculados. Desse número, porém, 03 são evadidos, e 41 são assíduos, sendo estes, portanto, os participantes desta pesquisa.

No início do 1º semestre de 2011, quando iniciei o projeto *“English for Life”* com os alunos do 2º B, a presença era muito irregular, com elevado número de ausências. Raramente traziam o material, escutavam música e/ou assistiam televisão pelo celular a maior parte do tempo. Alguns alunos declararam publicamente que trabalham para o PCC e infelizmente, uma grande parcela de alunos aprecia e/ou aprova tal conduta. A turma é subdividida em tribos musicais de: funkeiros, pagodeiros, axezeiros e roqueiros.

Pude observar que a interação dos alunos com os professores variava em cada disciplina e que se relacionam relativamente bem. Tive um ótimo relacionamento com essa turma, apesar de ter sido a que mais me deu trabalho no início do ano devido à indisciplina e falta de interesse já citados. A maioria dos alunos são afetivamente carentes e alguns são usuários de drogas declarados ou estão em liberdade assistida. Foi preciso muita paciência e bons diálogos particulares para que eu conseguisse trabalhar e desenvolver esta pesquisa.

2.1.5 O Professor pesquisador

Iniciei meus estudos de Língua Inglesa ainda quando era adolescente, por volta dos 15 anos na escola de idiomas CCAA - São Paulo. Por ser músico/compositor era importante para mim falar muito bem outro idioma, para poder cantar e compor canções em inglês.

Por me destacar entre os alunos da turma, no final do curso fui convidado a me escrever no processo seletivo para professores da própria escola. Tentei, consegui e a partir daí peguei amor pela profissão e nunca mais parei de estudar e lecionar. Concluí o curso de idiomas como bolsista e continuei os estudos até entrar na universidade.

Para compor letras mais elaboradas, percebi que precisava estudar mais sobre a estrutura da literatura, as figuras de linguagem e conhecer mais sobre a arte escrita. Matriculei-me no curso de Letras, Licenciatura Plena na Universidade Cruzeiro do Sul. As aulas de Inglês e os shows pagaram os primeiros anos da minha formação acadêmica. Passei no concurso público da prefeitura de São Paulo no cargo de Auxiliar Técnico de Educação, classe 2, e passei a trabalhar na função de secretário. Somente os sábados eram dedicados às aulas de Inglês. Felizmente, no último semestre, próximo a concluir minha graduação, fui aprovado no concurso público para professor de Língua Inglesa, PEB 2, da Secretária da Educação do Estado de São Paulo . Exonerei-me do cargo de secretário e desde o início letivo de 2005 leciono inglês na Escola Estadual Mário Kozel Filho.

Quando estava próximo a iniciar o exercício como Professor da rede pública, a quantidade de alunos que eu passaria a enfrentar todos os dias me assombrava. Comecei a pensar em como seriam as aulas de Inglês apenas com giz e lousa e recursos tecnológicos limitados. Passei a perguntar aos meus amigos que estudaram em escolas públicas sobre como eram as aulas de inglês que tiveram em seu percurso escolar. A grande maioria referia-se ao verbo “to be” e relatou que esse verbo foi o que estudaram até o término do Ensino Médio, mas, na verdade, tinham pouca ou nenhuma noção do seu contexto gramatical e das situações em que pode ser usado. Resolvi buscar mais informações com outras pessoas. Obtive respostas bem parecidas e concluí que essas pessoas foram expostas a aulas teóricas, onde os aspectos da língua inglesa valorizados eram as estruturas gramaticais, memorização de tabelas de tempos verbais e inúmeras traduções de textos do Inglês para o Português. As únicas pessoas que conseguiram acompanhar as aulas estudaram inglês em institutos de idiomas.

Passei algumas noites pensando em como poderia dar aulas mais aplicadas à realidade dos alunos. Comecei, então, a desenvolver as primeiras atividades do que veio a se

tornar o curso “*English for Life*”, que dá ênfase à oralidade e tenta reproduzir um pouco das metodologias aplicadas nos cursos de idiomas.

Quando tive meus primeiros contatos com os alunos, percebi que minha metodologia funcionava, mas precisaria de algumas adaptações. Após alguns anos, a experiência e a perseverança em ensiná-los a falar Inglês aperfeiçoaram minhas técnicas. Desde 2005, dedico minhas aulas a pesquisar as técnicas de ensino-aprendizagem por meio de atividades que envolvam a oralidade. No início de 2010, surgiu a oportunidade de me matricular no curso de Especialização em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, na PUC de São Paulo, e desenvolver esta pesquisa à qual venho me dedicando em silêncio há vários anos.

O destino me levou involuntariamente a ser professor de inglês, e hoje amo poder dar aulas, elaborar projetos com os alunos, pesquisar e compor para a banda de Pop Rock Autram. Não tive como exemplo profissional professores animados, cheios de vigor, bem preparados e que gostavam do que faziam. Esta é a meta que tracei para mim, me tornar melhor professor e profissional a cada dia e a cada aula dada.

2.1.6 As aulas

A coleta de dados foi feita nas aulas ministradas por mim (professor-pesquisador) no período de 15 de Fevereiro a 09 de Agosto de 2011, com os alunos da 2ª série B do Ensino Médio. As 44 aulas, distribuídas em 22 semanas, ocorreram no período noturno, uma vez por semana, a saber: às terças-feiras, na primeira e segunda aula, das 19h00 às 20h30. O período da coleta de dados iniciou com a ministração das aulas de input linguísticos (Anexo 3), seguidos de anotações do diário digital do professor (anexo 4), aplicação do questionário 1 (Anexo 1, a ser detalhado adiante), com a elaboração dos diálogos para posterior dramatização e filmagem em vídeo e finalizada com a aplicação do questionário 2, (Anexo 2) também a ser detalhado adiante.

É importante mencionar que as aulas respeitaram o planejamento anual e a Proposta Curricular de Língua Estrangeira Moderna do Estado de São Paulo, bem como o calendário da unidade escolar, previamente estabelecido no início do ano. Nesse sentido, esclareço que sabendo da necessidade da coleta de dados para esta pesquisa

no primeiro semestre, a partir da minha experiência em anos anteriores, incluí no planejamento anual as aulas do projeto *“English for Life”*, criado por mim, e a atividade de filmar os alunos encenando os diálogos criados em classe.

Para atrair a atenção desta sala tão problemática, minhas aulas/pesquisa foram pautadas em uma abordagem prática com ênfase na oralidade, por meio de pequenas situações que vivenciamos todos os dias. Através destas aulas pude observar que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática com foco na oralidade de língua Inglesa e também, identificar que impressões de aprendizagem da língua inglesa os alunos revelam ao serem expostos à atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos. Quando apresentei para a turma o projeto *“English for life”*, de minha autoria, expliquei que este visa à prática da oralidade, com foco do uso da língua inglesa em situações cotidianas. Dessa forma, pretendia capacitá-los a aprender Inglês e se comunicar em alguns contextos reais. Ou seja, argumentei que também possibilitaria a eles uma nova maneira de aprender a falar inglês. Complementei que as aulas aconteceriam de acordo com as atividades indicadas na proposta curricular, que seriam avaliados continuamente pela participação nas atividades e que o objetivo principal, ao final dessas aulas, seria uma produção textual em formato de diálogo, elaborada em grupo, ensaiada em classe com a ajuda do professor e posteriormente filmada. Expliquei que os diálogos seriam produzidos em inglês, durante às aulas, a partir do conteúdo trabalhado, do conhecimento prévio de língua inglesa e de mundo de cada componente do grupo, e que as filmagens aconteceriam no final desse processo, com a filmadora e equipamentos da escola ou celulares, filmadoras e/ou câmeras digitais deles próprios.

Em conversa com os alunos, os temas das situações escolhidas para serem trabalhados ao longo das aulas foram indicados por eles próprios, com orientação e sugestão do professor. As situações escolhidas foram: perceber que está perdido e pedir informações, responder onde fica determinada rua ou local, alugar coisas, perguntar preços, informar que não está se sentindo bem, pedir socorro, anotar recados. A distribuição das aulas foi feita da seguinte forma: aulas de vocabulário, estrutura, e pronúncia, essenciais para a construção dos diálogos produzidos pelos alunos, leitura do conteúdo escrito na lousa, produção escrita dos diálogos com base nas situações ensinadas, ensaio/dramatização em sala com ajuda do professor e filmagem e edição dos diálogos.

2.1.6.1 Sequência metodológica das aulas

Primeiramente mostrei aos alunos alguns objetos, cartazes e imagens para que identificassem e dissessem o nome do que estava sendo mostrado (objetos, imagens ou ações que estas imagens expressam), a partir da fala do professor. Nesse momento, não houve tradução do vocabulário, visto que os alunos possuem capacidade de reconhecer imagens e objetos mentalmente. Com as imagens, pretendi que o estudante começasse a pensar na outra língua, sem traduzi-la, por meio do contato direto com o idioma. A língua materna foi usada para reforçar a assimilação. O processo de aprendizagem obedeceu à sequência de: a) observar as imagens para mentalmente identificá-las, b) ouvir o professor, c) falar, repetindo e montando frases e d) ler e escrever, para copiar a lição da lousa nos cadernos e elaborar os diálogos.

Cada frase foi repetida após a fala do professor, de forma individual e em grupo. Essa atenção individual possibilitou-me conhecê-los, e teve a intenção de romper bloqueios emocionais, como timidez e receio de falar inglês, e possibilitar a memorização. Sempre em sequência, eu dizia as frases e alguns alunos repetiam oralmente comigo. Conforme estes alunos iam repetindo, os demais escutavam, para depois todos repetirem em grupo.

Só após a memorização da pronúncia os alunos tiveram contato com a leitura e escrita. Dividi a situação de aprendizagem em três partes: Contextualização (*Situation*), Vocabulário (*Vocabulary*) e Verbos (*Verbs*).

A “Contextualização” correspondeu à forma escrita do diálogo ensinado. Nas partes “Vocabulário” e “Verbos”, as frases foram colocadas a lousa em inglês com tradução na frente.

Tendo optado por trabalhar por meio de frases comuns para diferentes contextualizações, nessa fase, os aspectos gramaticais não foram diretamente tratados, e receberam a devida atenção posteriormente quando os alunos já memorizaram as frases.

O início de cada aula foi dedicado à recapitulação das aulas anteriores. Eu falava em português e os alunos falavam em inglês. O intuito foi relembrar o que era possível, aquecê-los e fazê-los se sentir capazes de aprender uma nova lição. A apresentação de

frases com substituição de palavras possibilitou-me incentivar a oralidade, como no exemplo: How much is the pen/car/house, Where is Japan/your car/my teacher, etc.?

As situações de aprendizagem tentaram simular situações cotidianas e as tarefas foram voltadas para a memorização das lições e incentivo para a prática da oralidade.

2.1.6.2 Leitura

Após ouvirem e repetirem individualmente e em grupo o conteúdo ensinado, a lição foi apresentada na lousa em sua forma escrita, e em forma de diálogo, com todos os exemplos trabalhados. Para os personagens dos diálogos, foram usados os nomes dos alunos da sala. Alunos voluntários algumas vezes encenaram por meio da leitura das situações.

2.1.6.3 Diálogos

Após todo o período de apresentação do conteúdo previsto, de 15 de Fevereiro a 24 de Maio, quatro aulas foram dedicadas para os alunos produzirem, com o auxílio do professor, os diálogos a serem encenados e posteriormente filmados. Solicitei que os alunos se reunissem em grupos de até 5 pessoas e, baseando-se nos conteúdos ministrados nas aulas de inglês e o que mais já dominassem, criassem uma nova situação em forma de diálogo, aplicando a língua aprendida.

As primeiras 2 aulas do dia 31 de Maio foram dedicadas ao desenvolvimento dos diálogos e o tempo restante eu dediquei a esclarecer possíveis dúvidas de cada grupo, bem como ajudar os alunos que não tinham desenvolvido seus diálogos.

Na terceira e quarta aula, realizada em 07 de Junho, devolvi os diálogos corrigidos e pedi para que cada aluno lesse sua fala para mim. Com os diálogos prontos, cada aluno fez suas anotações de pronúncia e o final da aula foi dedicado a treinar e elaborar o que viria a ser o vídeo com encenação dos diálogos criados.

2.1.6.4 Vídeos

Apesar de os vídeos não serem o foco deste estudo, as filmagens fazem parte da finalização dessa pesquisa e algumas aulas foram dedicadas a executar as etapas de pré e pós-filmagem dos diálogos. As duas aulas do dia 14 de Junho foram usadas para passar os filmes produzidos em anos anteriores. Nesta aula, os alunos puderam se inspirar nos modelos da atividade já pronta e treinaram a parte auditiva do vocabulário aprendido até então. Os 25 minutos finais, foram destinados ao documentário “Luz, câmera...educação!”, que se propõe a apresentar os bastidores e algumas técnicas básicas de edição e a escolha de ângulos e recursos comuns nas filmagens profissionais. Na segunda parte da aula, os alunos praticaram a dinâmica oral de seus diálogos, com a minha supervisão.

No dia 21 de junho/06, as duas aulas foram dedicadas a apresentar o programa de edição de imagens “*Windows Movie Maker*”. Na primeira aula foram ensinados os principais comandos para importar vídeo e áudio, cortar imagens, regular o volume do áudio e publicar o vídeo. A segunda aula foi dedicada a ensinar os comandos de inserção de efeitos básicos e transições de imagens, legendas, títulos e créditos ao final da apresentação.

A primeira aula do dia 28 de Junho foi dedicada a apresentar o programa “*After Effects*” da empresa de recursos e programas tecnológico Adobe. O foco foi os recursos do programa de edição de efeitos Chroma-Key, pelo qual os alunos aprenderam à substituir um fundo-fantasia azul ou verde, por outro de sua preferência. No caso, o cenário virtual. Na segunda parte desta aula, orientei os alunos para a filmagem dos diálogos e aconselhei-os a usar o período do recesso escolar para executá-lo e adiantar o processo.

No dia 05 de Julho, dei as orientações para o preenchimento do primeiro questionário. Na segunda parte da aula, eu esclareci dúvidas em relação às filmagens e dei algumas dicas de lugares para executar as filmagens, alguns cuidados com iluminação e sonoplastia e reforcei o formato em que os vídeos deveriam ser confeccionados.

Após o recesso escolar, as aulas do dia 26 de Junho e 02 de Agosto foram dedicadas à execução das filmagens e edição dos vídeos com a minha supervisão. Foi dada a opção de filmar em outro ambiente, fora do âmbito escolar, caso fosse a preferência do grupo

e usar as aulas para fazer a edição, com a possibilidade do uso de laptops particulares. Aproveitei essas datas para que os alunos que ainda não tivessem preenchido o primeiro questionário pudessem preenchê-lo.

No dia 09 de Agosto os alunos assistiram aos vídeos produzidos pelos colegas e ao término, responderam o questionário 2 que tinha como objetivo saber a opinião dos alunos a respeito da atividade de filmagem dos diálogos dramatizados e o quanto ela contribuiu para o aperfeiçoamento da pronúncia e memorização do vocabulário aprendido. Neste questionário eu também investiguei quanto motivado os alunos ficaram para aprender e se as atividades propostas foram realmente válidas.

2.1.6.5 As situações de uso da língua inglesa

Ao longo das aulas de *input linguístico* (Anexo 3), foram desenvolvidas as seguintes situações de uso da língua inglesa: *At school; asking for information; A visit; Asking about Prices; In the classroom; At the Hotel; At the Hospital.*

Situação 1: At school

A primeira aula (At school – Anexo 3), realizada em 15/02 foi destinada a ensinar os alunos a perguntar como se diz algo em inglês. Expliquei que a frase “como se diz...?” em inglês poderia ser “How do you say...?” Vários exemplos simples foram usados por mim, como: How do you say “amigo”? Em coro, os alunos logo responderam “friend”; how do you say “amor”? “Love”; how do you say “professor”? “Teacher”. A proposta era eu falar em português e os alunos em inglês. Todos repetiram em coro e individualmente a frase. Informei-os que o nome da lição seria “At School”, que significa “Na escola”. Dei alguns exemplos, como: “we are at school, she is at school”, you are at school. Chamei a atenção para o fato de “you” significar você ou vocês. Todos repetiram “At school” individualmente e em coro. Perguntei a eles coisas, como: How do you say “eu estou na escola”? Responderam “I am at school”; depois perguntei How do you say “mãe”?; How do you say “irmão”? How do you say “gato”? How do you say “eu amo você”? Quando a situação foi escrita na lousa, *teacher* e *student* foram os personagens do diálogo. Abri o espaço final da aula para que os alunos praticassem a frase perguntando o que gostariam de falar em inglês.

Procurei usar algumas palavras e frases que possivelmente todos os alunos sabiam. Percebi que ficaram motivados em fazer perguntas em Inglês e muitos demonstraram vontade de dominar o idioma. Os alunos aparentemente menos interessados quiseram saber como se dizem alguns palavrões e os nomes dos órgãos genitais.

Situação 2: Asking for information

A atividade da 2ª aula, denominada “Asking for Information”, realizada no dia 22/02, começou com uma retomada do conteúdo anterior (*warm up*). A seguir, informei-os que nessa aula aprenderiam o vocabulário para informar que estavam perdidos e perguntariam onde fica determinado local.

Ensinei-os que “perdido” em inglês se diz “lost”. Aproveitei para relembrar as pessoas do discurso (I, you, he, she, it, we, they) e o uso afirmativo do verbo To be no presente (am – is – are). Não foram mencionadas regras ou nomenclaturas gramaticais. Expliquei que se tivessem que falar “eu estou perdido”, diriam “I am lost!”, logo, se nós estivéssemos perdidos diríamos “we are lost” e que se tivéssemos que dizer “ele está perdido” diríamos “He is lost”. Após a etapa de memorização, passamos para a frase seguinte. Expliquei que onde ou aonde em inglês se diz “Where”, que “onde é determinado lugar” ou “onde está determinada pessoa ou coisa” poderia ser dito: Where is...? no singular e “where are...?” no plural.

Vários exemplos foram dados, como: Where is Habbib’s?, Where is Mário Kozel School?, Where is my mother? Where are the dogs? Where are the bikes? Pude perceber que exemplos simples motivam os alunos e que palavras como dog, cat, car, house, friend, brother, etc. já são do conhecimento da maioria dos alunos e facilitam a fluência quando são usados.

Expliquei que a lição receberia o nome de “Asking for Information”. Formamos frases como: He is asking for information at school, I am asking for information. Eu falava em português e os alunos falavam em Inglês, com a minha ajuda.

Após escrever a situação na lousa, alguns alunos se propuseram a encenar os diálogos. Percebi que a turma gostou de ver o nome dos colegas na lousa e ficaram motivados com a possibilidade de um dia usar o que aprenderam.

Situação 3: A visit

Na 3ª aula, realizada no dia 01/03, os alunos aprenderam o vocabulário relacionado a uma situação em que alguém pede para falar com outra pessoa e alguém diz que a pessoa não está. Expliquei para a sala que a lição poderia ajudá-los a anotar recados em uma situação telefônica real, ou na hora de se identificar para falar com alguém em um país estrangeiro, ou em uma ligação internacional.

O primeiro grupo de palavras foi “Can I talk to...?”. Usei o nome de dois alunos para representar os personagens do diálogo e dei vários exemplos, como: Can I talk to you?, Can I talk to your mother?, Can I talk to Daniel? Praticamos, comigo falando em português e os alunos em inglês. Após a etapa de memorização a partir da repetição individual e em grupo, partimos para o segundo grupo de palavras. Expliquei que a pessoa que estava atendendo pediu para que a outra esperasse um momento, o que em Inglês dizemos “wait a moment!” Simulamos algumas situações em que “wait a moment” poderia ser utilizado. Can I talk to David, please? –Wait a moment! , Where is your brother? Wait a moment! A maioria dos alunos facilmente assimilou a frase por comparar “moment” com momento.

O terceiro grupo de palavras teve o objetivo de informar que a pessoa não estava. Expliquei para a turma que para falar que *João não está*, em inglês dizemos “João is not in!”. Dei mais alguns exemplos, como: My mother is not in! , The teacher is not in, today! , He is not in, he is at school! Todos os alunos repetiram individualmente e em coro.

Para finalizar, expliquei que o título da situação seria “A Visit”. Perguntei se alguém arriscaria adivinhar a tradução e eles logo assimilaram. Dei alguns exemplos: My brother is the visit! Can I talk to the visit, please?

Percebi que os alunos ficaram bem motivados, pois comentaram que é mais fácil aprender na prática. Orientei-os sobre a necessidade de saber anotar pequenos recados,

no qual nome, telefone e e-mail sejam anotados: What is your name? , what is your telephone/phone number?, what is your e-mail?. Quando a lição foi escrita na lousa, o nome de dois alunos foi usado.

Situação 4: Asking about prices

Para a quarta aula, realizada no dia 15/03, o vocabulário era relacionado a perguntar preços. Iniciamos recapitulando as lições estudadas anteriormente. Nesse momento, as respostas foram dadas pelos alunos em coro. Eu dizia em português e eles em inglês: How do you say “meu cachorro” in English?, How do you say “seu melhor amigo”?, And how do you say “rua” in English?. Na sequência, eu perguntei: Where is Mário Kozel School? , Where is the teacher?, Where is your book?

Expliquei para a turma que naquela aula eles aprenderiam o vocabulário para perguntar preços em inglês e que nesse contexto, quando precisam perguntar quanto custa determinado produto em inglês, deveriam usar a frase “How much is ...?”. Por exemplo: How much is a hot-dog?, and How much is a Big Mac? Apontei para a caneta de uma aluna e perguntei: How much is this pen? Relembrei que eu estava perguntando o preço da caneta, pedi para que a sala repetisse bem devagar comigo “how much is...? How much is a house?

Pedi para que cada aluno repetisse individualmente a frase “How Much is...?”. Nesse momento, eu falava a frase e o aluno repetia comigo. Conforme os alunos iam repetindo, os demais iam escutando. Quando todos repetiram, eu dei mais alguns exemplos no singular e relembrei o uso no plural. – How much are the pencils? , How much are the books?

Pedi para que os alunos traduzissem para Inglês as frases que eu dizia em português. As respostas foram dadas em coro para as perguntas Quanto é o livro? Quanto é o Big Mac? , Quanto é o carro? , Quanto são as bicicletas?

Depois de treinarmos bastante, partimos para o título da lição, que foi “Asking about Prices”. Relembrei que o título de uma das lições anteriores era “asking for information” e argumentei que “Asking” significa perguntar, pedir. Pedi que todos repetissem comigo

“Asking” e expliquei que nessa lição, como perguntamos os preços de algumas coisas, ela se chamaria “Asking about Prices”, que significa perguntar sobre preços. “Prices” – Preços. Pedi para que repetissem comigo: Prices, asking about prices. Desenvolvi a parte prática com how do you say “meu pai está perguntando preços” in English?, How do you say “quanto é o gato”? , How do you say “nós estamos perguntando preços”. How do you say “quanto são os carros?”

Cada aluno repetiu individualmente a frase “Asking about Prices” e mais alguns exemplos foram dados. Sempre com meu estímulo em português e a resposta deles em inglês. Passei a lição na lousa com os exemplos trabalhados, usando singular e plural. Para os personagens dos diálogos, usei nomes dos alunos sala.

Expliquei que para respondermos, deveríamos usar “It” para evitar repetições desnecessárias. Por exemplo: How much is this pencil? It is U\$ 2,00. E que no plural usaríamos “They are”. How much are the books? They are U\$ 20,00. Treinamos com diversos exemplos.

Na parte do vocabulário, coloquei as frases em inglês com tradução na frente. Pedi para os alunos copiarem com o máximo de atenção, pulando linhas e se possível usando cores diferentes para as anotações.

Situação 5: In the classroom

A proposta para a quinta aula, realizada em 22/03 era dar informação caso não houvessem entendido algo. Após recapitularmos as lições anteriores, partimos para o primeiro grupo de palavras. Expliquei que um turista estava andando pelas ruas e alguém o abordou para perguntar algo. Como ele não entendia inglês, disse: “I don’t understand!”. Pedi para que imaginassem uma situação na qual não entendessem algo e dissem “I don’t understand!”. Treinamos com alguns exemplos dados por mim e pelos alunos. I don’t understand English! , We don’t understand the teacher, I don’t understand you! You don’t understand your father! Não comentei com os alunos que com *he, she e it* usaríamos *doesn’t*, esta aula foi programada para um momento futuro, quando o uso de “don’t” já estiver internalizado.

O segundo grupo de palavras era para perguntar qual o significado de alguma coisa. Expliquei que essa frase em inglês era “What is the meaning of...? Informei que eu perguntaria o significado de algumas palavras ou frases em Inglês e, se soubessem, poderiam falar em português. What is the meaning of “Stop?” , what is the meaning of “my best friends?” , “what is the meaning of *where is Masp?*” , “What is the meaning of *how much is a Big Mac?*” ,etc. Todos repetiram em grupo e individualmente.

Por meio desse grupo de palavras, verifiquei que a grande maioria dos alunos conseguia entender frases e palavras simples. Essa pequena oportunidade de entender o idioma sem ter que traduzi-lo motivou os alunos a aprender.

Parti para o título “In the classroom”. Expliquei que sala de aula em Inglês se diz “classroom” e dei alguns exemplos: I am in the classrrom, she is in the classroom, we are studying in the classroom. Os personagens usados foram “teacher” e “Student”. Após a explicação do grupo de palavras, treinamos com as frases: The student is in the classroom, they are the students in the classroom. Na parte “vocabulário”, como de costume, escrevi na lousa as frases e palavras com a tradução na frente.

Pedi para que me perguntassem alguma coisa que gostariam de saber a tradução e dediquei alguns minutos finais da aula para atender à curiosidade dos alunos.

Situação 6: At the hospital

Na sexta aula, realizada em 29/03, após uma breve retrospectiva das lições anteriores, informei que aprenderíamos a informar alguém caso viéssemos a passar mal. Expliquei que para informar que eu estou bem eu diria “*I am feeling well*” e para informar que não estou bem eu diria “*I am not feeling well!*” Dei alguns exemplos como: *My father is not feeling well, she is not feeling well, we are not feeling well, they are not feeling well*”.

No grupo seguinte de palavras, o personagem verificou que o amigo estava com febre e disse: *You have a fever!* Expliquei que febre em inglês é *fever* e que a frase *You have a fever* era você tem febre!, e em seguida dei exemplos com o verbo ter “to have”. Comecei com as frases: *I have 2 cars, you have the English book! They have 5 brothers*. Na sequência, o outro personagem sugeriu ir para o hospital. Expliquei que quando

convidamos alguém para ir para algum lugar, poderíamos falar *Let's go to ...!* Exemplifiquei com as frases: *Let's go to my house!*, *Let's go to school!* Relembrei que a frase era *Let's go to the hospital!* As frases foram repetidas individualmente e em grupo.

O título *At the Hospital* não causou nenhuma dúvida. Após a explicação do grupo de palavras, treinamos a oralidade e a lição foi escrita na lousa, colocando as frases e palavras com a tradução na frente. Na parte destinada aos verbos, coloquei alguns exemplos com o verbo "to have": *I have five teachers!*, *You have a beautiful house!*, *They have my phone number.* *We don't have a car!*

Situação 7: At a Hotel

A 7ª aula, do dia 05/04 denominada At a hotel, destinava-se a ensinar o vocabulário necessário para se alugar coisas. Após breve retrospectiva das aulas anteriores, informei que naquela aula simularíamos um casal de turistas que alugaria um quarto de casal em um hotel. Expliquei que eu quero em Inglês era "I want" e exemplifiquei com algumas frases, como: *I want two cats!*, *I want a fanta, please!*, *They want to drink coffee!* Perguntei para os alunos se eles conseguiam me compreender e a maioria me respondeu que sim. Propus falar frases em português para que eles passassem para a língua inglesa. Usei exemplos bem simples e eles responderam muito bem à atividade oral. Relembrei que na situação daquela aula o turistaalaria a frase "eu quero alugar um quarto de casal!", que em Inglês seria "I want to rent a double-room!". Chamei a atenção para a frase que estávamos treinando "I want" e para o verbo alugar "to rent" e convidei-os a formar frases com o modelo I want to rent a... ! Rapidamente um aluno me disse: I want to rent a car, please!, outro aluno disse: I want to rent a house! Mostrei a foto de um quarto de casal e expliquei que em inglês diríamos "double-room". Pedi para que repetissem em coro comigo. Mostrei a fotografia de um quarto de solteiro e expliquei que nos referiríamos a este tipo de quarto em uma hospedagem como "single-room". Pedi para que repetissem comigo em coro. Formei a frase inteira I want to rent a double-room!, que supostamente o casal de turistas diria no hotel, e perguntei se eles me compreenderam, e a maioria disse que sim. Repetimos várias vezes, individualmente e em coro, a frase "I want to rent a double-room". Relembrei que quarto de solteiro em

inglês era “single-room” e formamos a frase “I want to rent a single-room, please!” Praticamos várias vezes e partimos para o próximo grupo de palavras.

No dia 12/04 os alunos fizeram a tradução do Português para o Inglês de um diálogo com a recapitulação de todo o vocabulário ensinado até então.

A aula do dia 19/04 foi destinada à correção do exercício. Procurei dar o máximo de atenção para cada aluno nesse dia, comentei cada erro individualmente, com a intenção de esclarecer o maior número de dúvidas possível.

No dia 26/04 os alunos foram submetidos a uma prova que avaliava, por meio de questões de múltipla escolha, a assimilação em relação aos conteúdos ministrados nas aulas. Nessa prova, os alunos deveriam achar perguntas ou respostas adequadas para completar pequenos diálogos, que simulavam as situações ensinadas.

No dia 03/05 ocorreu na escola a reunião de Pais e Mestres.

Em 10/05 devolvi as provas corrigidas e apliquei uma atividade na qual os alunos deveriam desembaralhar 10 frases e traduzi-las para o Português. A correção foi feita na lousa e o final desta aula foi dedicado a praticar a oralidade. Eu formava pequenas frases em Português e os alunos traduziam oralmente para o Inglês.

Nas aulas do dia 17/05 e 24/05 foi aplicado um exame oral. Cada aluno veio individualmente até a minha mesa para falar cinco frases em Inglês, seguindo o modelo de exercício oral realizado em sala de aula, no qual eu falava em Português e os alunos traduziam oralmente para o Inglês.

2.2 Instrumentos de pesquisa

A coleta de dados desta pesquisa foi feita ao longo de 9 encontros. Nesse período, foram realizadas 18 aulas. Para obter os dados desta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta: a) questionários (anexos 1 e 2) e b) diário digital (anexo 4).

2.2.1 Questionários

Os questionários usados para esta pesquisa seguem os padrões estruturais propostos por Nunan (1992:143), que dizem que os questionários podem ser constituídos inteiramente por perguntas abertas, inteiramente por perguntas fechadas ou questionários que combinam perguntas abertas e fechadas. Em um questionário com perguntas fechadas, uma série de possíveis respostas é pré-estabelecida pelo pesquisador e o entrevistado tem que responder dentro dessas escolhas. Um questionário com perguntas abertas é aquele em que o entrevistado pode decidir o que dizer e como dizer, não forçando assim o respondente a enquadrar sua percepção em alternativas pré-estabelecidas.

Para esta pesquisa, foram elaborados e aplicados dois questionários. Um que mesclava características abertas e fechadas (Questionário nº1), e outro com perguntas abertas e fechadas (Questionário nº2).

O questionário nº 1 (Anexo 1) teve o objetivo de conhecer e formar uma idéia do grupo de alunos do 2ºB e saber o que pensam sobre a possibilidade da disciplina de Língua Estrangeira poder contribuir para a vida deles em algum momento na vida. Por meio do questionário, procurei levantar informações sobre a aprendizagem dos alunos em relação às aulas de inglês do ano de 2011, o que acharam de aprender inglês através da atividade de produção de diálogos em inglês, qual nota o aluno atribuiu a seu aprendizado considerando as atividades do projeto e a produção dos diálogos e qual nota o aluno atribuía ao aprendizado atual, em comparação com as atividades desenvolvidas em anos anteriores.

O questionário nº 2 (Anexo 2) teve o objetivo de saber mais detalhes sobre a opinião dos alunos em relação às aulas do projeto e sobre a finalização da atividade de produção, dramatização e edição dos diálogos. Nele obtive respostas relacionadas a:

- a) quais frases que aprenderam na primeira etapa do projeto que consideram mais úteis e destas, quais poderiam vir a usar.
- b) se acreditam que aprenderam o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e se as atividades mudaram a relação deles com as aulas de Inglês.

- c) como se sentiram ao realizar as atividades do projeto, no que diz respeito a motivação pelo professor, timidez, descontração e falta de interesse.
- d) se acham que aprenderam melhor a Língua Inglesa naquele período da proposta de trabalho.
- e) como se sentiram ao apresentar seus vídeos para os colegas de classe, no que diz respeito a bem estar, vergonha, auto valorização, tristeza e nervosismo.
- f) qual foi a sensação que tiveram ao produzir seu próprio diálogo e depois assisti-lo.
- g) o que acharam da atividade de filmar os diálogos e se isso fez com que aprendessem mais.
- h) qual nota (de um a quatro) atribuíram ao aprendizado de pronúncia.
- i) como eram as aulas em anos anteriores.

2.2.2 Diário Digital

Outro instrumento de coleta utilizado por mim, professor e pesquisador nesta pesquisa, foi o diário digital. Este instrumento de introspecção teve como objetivo registrar minhas percepções sobre as atitudes, reações e participações dos alunos durante as aulas do projeto e na produção dos diálogos. As minhas impressões a respeito foram anotadas em uma agenda em meu laptop. Essas notas foram feitas ao final de cada aula.

De acordo com Nunan (1992:115), métodos introspectivos são processos de observação e reflexão do pensamento, sentimento, raciocínio e processo mental de alguém, com vistas a determinar os caminhos em que esses processos e estados determinem nosso comportamento.

O diário digital foi utilizado com o objetivo de organizar e completar minhas observações, isto é, as informações que diziam respeito às impressões e participação dos alunos nas aulas e minhas percepções. Esses registros foram feitos da seguinte forma: ao final das aulas, foram feitos registros que descreviam as participações. Ao chegar em casa, no mesmo dia em que ministrei a aula, isto é nas noites de terça-feira, digitava a descrição das aulas, como segue: a aula, a atividade, o nome da atividade e o objetivo. De posse das notas de campo feitas em minha agenda, eu digitei no diário

digital as observações e impressões de cada aula. Foram registrados 9 diários digitais, do dia 31 de Maio à 09 de Agosto de 2011.

2.3 Procedimentos de análise

Nesta seção, explico os procedimentos de análise e interpretação dos dados coletados para esta pesquisa, realizada por meio dos questionários 1 e 2 (Anexo 1 e Anexo 2) e diários digitais do professor. (Anexo 4).

A pesquisa iniciou-se com a aplicação dos questionários 1 e 2 que combinavam respostas abertas e fechadas. Fiz um mapeamento de todas as respostas abertas dos 41 alunos. Levantei em cada resposta as escolhas lexicais mais relevantes, como por exemplo: importante, aprender, interessante, entender, tímido(a), envergonhado(a); para que eu pudesse ter uma visão do que estava ocorrendo na sala de aula.

De posse de todos os questionários respondidos pelos alunos digitei as minhas duas perguntas de pesquisa:

1 - O que os alunos acharam de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?

2 - Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?

Analisei as perguntas de cada questionário e categorizei-as de acordo com as perguntas de pesquisa conforme segue:

As perguntas 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10 e 11 do Questionário 1 e as perguntas 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 8 do Questionário 2 forneceram dados que me possibilitaram responder à minha 1ª Pergunta de Pesquisa;

“O que os alunos acharam de aprender a língua Inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?”, conforme indicado no quadro a seguir:

Questionário 1	Questionário 2

1. Você sente que está aprendendo nas aulas de Inglês desta série? 3. Você acha mais fácil aprender nas aulas do Projeto English for Life? 4. Qual etapa você acha que aprende melhor? 5. O quanto se sente interessado em aprender outro idioma? 6. Como você prefere aprender inglês? 9. O que você sabe reconhecer em inglês? 10. Você se sente à vontade falando inglês em sala de aula? 11. O que te bloqueia e te impede aprender inglês?	1. Você acha que as frases que aprendeu na primeira etapa do projeto são úteis? Destas, qual você acha que poderia vir a usar? Por quê? 2. Você acredita que aprendeu o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e que as atividades mudaram a sua relação com as aulas de inglês? Por quê? 4. Você sente que aprendeu melhor a Língua Inglesa neste período da proposta de trabalho? 5. Como você se sentiu ao apresentar seu vídeo para sua classe? 6. Qual a sua sensação ao produzir seu próprio diálogo e assisti-lo depois? 7. O que você achou da atividade de filmar os diálogos? Você acha que isso te fez aprender mais? 8. Considerando as atividades de construção dos diálogos e filmá-los, qual nota (de um a quatro) você pode atribuir ao seu aprendizado de pronúncia?
Pergunta de Pesquisa 1: O que os alunos acharam de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?	

Quadro nº 2.1 Questionários e pergunta de pesquisa 1

Para a 2ª pergunta de pesquisa, categorizei perguntas dos dois questionários. No primeiro, destaquei as perguntas: 1, 2, 3, 5, 10 e 11. Do segundo, destaquei as perguntas: 2, 3, 4, 5 e 7. Estas perguntas forneceram os dados que me possibilitaram responder à minha 2ª Pergunta de Pesquisa; “Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?”, conforme indicado no quadro a seguir:

Questionário 1	Questionário 2
1. Você sente que está aprendendo nas aulas de Inglês desta série? 2. Você gosta das aulas de Inglês?	2. Você acredita que aprendeu o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e que as

3. Você acha mais fácil aprender nas aulas do Projeto English for Life?	atividades mudaram a sua relação com as aulas de inglês? Por quê?
5. O quanto se sente interessado em aprender outro idioma?	3. Como você se sente ao realizar as atividades do projeto?
10. Você se sente à vontade falando inglês em sala de aula?	4. Você sente que aprendeu melhor a Língua Inglesa neste período da proposta de trabalho?
11. O que te bloqueia e te impede aprender inglês?	5. Como você se sentiu ao apresentar seu vídeo para sua classe?
	7) O que você achou da atividade de filmar os diálogos? Você acha que isso te fez aprender mais?
Pergunta de Pesquisa 2: Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?	

Quadro nº 2.2 Questionários e pergunta de pesquisa 2

De posse dos questionários 1 e 2, procurei, entre as argumentações das perguntas abertas, respostas para as minhas perguntas de pesquisa nas escolhas lexicais dos alunos. Usei diversas cores para destacar as palavras que apareciam várias vezes. Depois disso, levantei as palavras mais frequentes para cada pergunta e agrupei-as buscando identificar uma categoria de análise. Os dados advindos dos questionários foram os instrumentos de coleta mais utilizados para a apresentação dos dados porque continham a maior parte das informações sobre as impressões de aprendizagem e dos efeitos relacionados à motivação e interesse dos alunos. Os dados do diário digital foram importantes para que eu pudesse analisar as minhas impressões e observações e corroborar os relatos dos alunos na apresentação e discussão dos resultados.

As perguntas 7 e 8 do questionário 1 e a pergunta 9 do questionário 2, não estão diretamente relacionadas as perguntas desta pesquisa, mas serviram de parâmetro para que eu conhecesse a trajetória de aprendizagem da língua inglesa que os alunos tiveram em anos anteriores, se já foram expostos a atividades semelhantes e me possibilitou a oportunidade de comparar, através dos relatos, se os alunos consideraram o aprendizado nas aulas do projeto “*English for Life*”, que visa a prática da oralidade, mais eficientes do que as aulas que tiveram no passado, que muitas vezes contemplaram apenas as estruturas gramaticais.

Questionário 1	Questionário 2
7. Quando você estudou inglês antes?	9. Como eram as aulas antes?

8. O que você fazia nas aulas de inglês das séries anteriores?	
Perguntas que serviram de parâmetro para conhecer a trajetória de aprendizagem da língua inglesa que os alunos tiveram.	

Quadro nº 2.3 Trajetória de aprendizagem da língua inglesa

Capítulo 3: Apresentação e Discussão dos Dados

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir os resultados, a partir dos dados analisados, para responder às perguntas de pesquisa a seguir, tomando como referência os pressupostos teóricos apresentados anteriormente:

1 - O que os alunos acharam de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?

2 - Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?

Na primeira seção, apresento e discuto os resultados referentes aos aspectos da língua inglesa que os alunos aprenderam com as atividades orais por meio do projeto *English for Life*, para responder à minha primeira pergunta de pesquisa.

Na segunda seção, apresento e discuto os resultados referentes a motivação e interesse que podem advir da abordagem prática pautada na oralidade da língua Inglesa, para responder à segunda pergunta de pesquisa.

3.1 Efeitos de uma abordagem prática pautada na oralidade

Nesta seção os dados apresentados referem-se à análise dos resultados das aulas do projeto *English for Life*, para verificar quais foram os efeitos da abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa.

As atividades foram desenvolvidas ao longo de 44 aulas, em 22 semanas, assim distribuídas: a) 28 aulas compostas por atividades de *input* linguístico; b) 10 aulas destinadas à produção dos diálogos e ensaios para encenação; c) 4 aulas destinadas às gravações e edição dos vídeos e d) 2 aulas destinadas à avaliação da proposta de trabalho das atividades de desenvolvimento de diálogos e filmagem dos mesmos.

As aulas de *input* linguístico tiveram como objetivo apresentar o conteúdo sistêmico, vocabulário e pronúncia para a construção dos diálogos, pelos alunos juntamente com

o professor, para a produção dos vídeos. As aulas destinadas ao preenchimento dos dois questionários tiveram a finalidade de levantar os dados para esta pesquisa.

3.1.1 Análise do questionário 1 (Anexo1)

Na classe há 45 alunos matriculados, dentre os quais 41 assíduos, que participam da coleta de dados para esta pesquisa.

Faixa etária	Alunos	%
15 anos	07 alunos	17,0%
16 anos	24 alunos	58,6%
17 anos	05 alunos	12,2%
18 anos	05 alunos	12, 2%

Quadro nº 3.1: Faixa etária

Dentre esses 41 alunos, 58,6% têm 16 anos de idade, 17% têm 15 anos de idade, 12,2% têm 17 anos e 12,2% têm 18 anos. Assim, o perfil etário predominante é de 16 anos, conforme é esperado no caminho escolar dos estudantes do Ensino Médio, não indicando atraso.

Você sente que está aprendendo nas aulas de Inglês desta série?	Nº Alunos	%
Consegue falar e entender o que foi ensinado	22	53,7%
Consegue falar o que foi ensinado	10	24,4%
Consegue entender o que foi ensinado	08	19,5%
Não consegue falar nem entender o que foi ensinado	01	02,4%

Quadro nº 3.2: Percepções quanto ao aprendizado

Quanto à primeira pergunta, “Você sente que está aprendendo nas aulas de Inglês desta série?”, a maioria dos alunos afirma estar aprendendo. Dentre eles, 53,7% conseguem falar e entender o que foi ensinado, o que vem ao encontro dos meus objetivos como professor. Apenas um aluno revela não conseguir falar e nem entender o que foi dado. Como esta pergunta permitia aos alunos justificar suas respostas, apresento a seguir alguns exemplos das justificativas dadas:

- o Luan: *O professor ensina de um jeito que é mais fácil aprender.*

- o *Vanessa: Consigo entender o que o professor fala em inglês.*
- o *Jaqueline: O que o professor passa, ele pede para a gente repetir o que ele fala em inglês, então isso fica bem mais fácil de aprender.*
- o *Filipe: Consigo falar muito mais pelo menos o básico do inglês, o que o professor fala a maioria das frases eu entendo e consigo escrever.*
- o *Aline: Eu acho que o professor está ensinando muito bem, a ponto de os alunos entender e falar.*
- o *Bruno: Consigo falar um pouco e entender perfeitamente.*
- o *Vinícius: As aulas aplicadas são super interessantes porque não ficamos o tempo todo escrevendo, a maior parte do tempo é aulas conversativas*
- o *Camila: O professor realmente se preocupa em ensinar e isso é bom.*
- o *Agatha: Com muitas dificuldades estou aprendendo aos poucos.*
- o *Jobson: As aulas são muito dinâmicas, acaba desse jeito ficando mais fácil.*
- o *Fernanda: O método que o professor ensina, pegando a pronúncia de todos, um por um, ajuda muito.*
- o *Caique: Com a ajuda e orientação do professor, eu consigo pronunciar e entender melhor as palavras.*
- o *Adjar: No começo foi difícil, mas, na prática aprende-se mais fácil e acaba nos tornando fluentes.*
- o *Vitor: Na oitava e no primeiro ano eu nem ligava para inglês, pois eu percebia que os professores não davam importância a mim.*
- o *Maria: O método do professor ensina muito bem.*
- o *Edinéia: Consigo entender o que o professor fala, porque ele explica bem calmamente e vai na carteira de cada um, fazem que todos falem o que ele fala.*
- o *Augusto: Tenho dificuldades, mas o professor nos ajuda bastante e acaba ficando fácil.*
- o *Gregoris: Tudo o que o professor ensinou foi feito de uma forma muito fácil, pois ele repete varias vezes.*
- o *Diego: Eu já consigo entender e falar as maiorias das lições ensinadas, pois as atividades são muito bem aplicadas.*

A partir dos resultados para esta questão, posso concluir que as aulas práticas motivaram os alunos e que ficaram interessados em aprender. Os PCN-LE (1998:55) sugerem que desde o início da aprendizagem, a oralidade deva ser incentivada e desenvolvida por meio de diálogos autênticos que reflitam as situações reais de fala. As respostas que os alunos deram aos estímulos pelo método áudio-lingual de: apresentação, prática, repetição e substituição se mostraram bem eficientes, pois os aspectos de aprendizagem da língua inglesa que os alunos revelaram foram relacionados ao dinamismo das aulas práticas que ajudou no aprendizado, nas repetições individuais e em grupo, na memorização das frases e no aperfeiçoamento da pronúncia. Além disso, parece que o fato de entender o que estava sendo dito fez com que se interessassem mais. Gostaram das aulas com ênfase na oralidade e da atenção individual dada pelo professor. Conforme indicado por alguns alunos, a paciência e preocupação de ensiná-los parecem ter contribuído para que gostassem mais da matéria e se dedicassem mais.

Na segunda questão, “Você gosta das aulas de Inglês?”, os dados indicam que a dinâmica das atividades propostas foi eficiente, pois 97,6% dos alunos revelaram gostar das aulas de inglês. Indico abaixo da tabela, alguns dos argumentos dos alunos para este “gostar” das aulas de inglês.

Resposta	No. Alunos	%
Sim	40 alunos	97,6%
Não	01 aluno	02,4%

Quadro nº 3.3: Aceitação das aulas de Inglês

- o *Augusto: O professor ensina para todos e passa de mesa em mesa para ensinar.*
- o *Felipe: O professor além de ensinar, vai de fileira em fileira para ver se os aluno está falando corretamente, além das aula ser super interessante e animada.*
- o *Helen: Porque a aula não é muito teórica e acho que é bem melhor e mais fácil de aprender na prática. É diferente de muitas aulas.*
- o *Adjar: As aulas são divertida! Acabei descobrindo coisas que não sabia que podia fazer.*
- o *Caique: O professor dá atenção aos erros do aluno e o ajuda a entender e executar a matéria.*

- o *Amanda: O professor ensina brincando e a gente aprende bem melhor.*
- o *Diogo: É uma aula diferentes. E o professor sabe ensinar.*
- o *Jobson: É uma aula onde todo mundo participa, há um diálogo em conjunto com a sala.*
- o *Agatha: O professor interage bem com os alunos e a educação em sala de aula.*
- o *Jardeilson: O professor é legal e sabe incinar os alunos.*
- o *Filipe: O modo que o professor ensina é bom, pois ele interage com os alunos.*
- o *Brenda: O professor Alex ensina de uma forma diferente. Ele deixa a aula mais divertida e isso atrai os alunos e faz com que eles e eu aprenda.*

Esta questão me possibilitou saber que os alunos gostam da matéria. Entre os 40 estudantes que afirmaram gostar das aulas de Inglês, os relatos mais frequentes relacionaram-se à metodologia e à didática de atenção individual do professor na hora da pronúncia, o que, segundo eles, tornou as aulas mais dinâmicas e agradáveis. Revelaram que a ênfase na oralidade e não apenas na teoria fez com que sentissem que aprenderam o que foi ensinado, e que o fato de conseguir entender o que está sendo dito nas aulas fez com que se interessassem mais e descobrissem coisas que achavam que não seriam capazes de fazer sozinhos, como por exemplo: produzir seu próprio diálogo e filmá-lo.

Beatriz, a única aluna que afirmou não gostar das aulas de Inglês, argumentou que não gosta porque segundo ela a matéria nunca sai das mesmas coisas.

Nessa questão fica bem claro que o método behaviorista de aprendizagem por meio de reflexos condicionados de repetição de frases feitas, que respeitaram a sequência de ouvir e repetir ajudou na memorização e na autoconfiança na hora dos exercícios orais.

Com relação à terceira questão, “Você acha mais fácil aprender nas aulas do *Projeto English for Life*?”, todos os alunos (100%) afirmaram aprender melhor com as atividades orais do projeto, conforme indicam algumas das opiniões abaixo:

- o *Luan: Esse projeto é ótimo, e eu aprendo melhor.*
- o *Brenda: Eu acho muito mais legal aprender nas aulas do projeto English for Life.*

- o *Jaqueline: É mais fácil de se aprender.*
- o *Adriano: É o que realmente eu irei usar no dia-a-dia.*
- o *Bruno: É mais interativo e dinâmico.*
- o *Agatha: Através do diálogo é mais fácil aprender.*
- o *Jobson: Pois assim fica na memória. Você lembra do professor falando.*
- o *Jeferson: É mais fácil aprender por quê, é mais prático.*
- o *Fernanda: Ensina melhor todos a saber pronúncia melhor.*
- o *Letícia: por quê é bem melhor e é mais fácil de se aprender.*
- o *Caique: O professor ajuda os alunos a entender a matéria e dá atenção individual.*
- o *Quézia: Por que fica de uma maneira mais fácil da agente aprende, e é muito mais fácil na prática que na teoria.*
- o *Richard: Você interage mais nas aulas e fica mais confiante no que está dizendo.*
- o *Edinéia: É uma forma de você ir praticando tudo aquilo que você aprendi.*
- o *Gregoris: Desse jeito é mais fácil a gente lembrar.*
- o *Diego: Agente aprende estamos aprendendo por etapas e não tudo de uma vez. Por isso eu acho mais fácil o aprendizado.*

Por intermédio dos dados coletados nesta questão, posso concluir que o projeto “English for Life”, apoiado em uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa, motivou os alunos a aprender, pois ficaram bem mais interessados nas aulas de inglês. Os relatos foram relacionados à autoconfiança para falar inglês, fácil memorização do vocabulário ensinado, facilidade para aprender por meio dos diálogos e bem estar por trabalhar em grupo.

Três concepções teóricas se apresentam importantes na construção do projeto English for life: a behaviorista, a cognitivista e a sócio-interacionista.

A behaviorista ajudou através do método áudio-lingual onde a língua é vista como um comportamento a ser ensinado, centrado nas respostas que os alunos dão aos estímulos de apresentação, prática, repetição e substituição. No desenvolvimento das atividades orais em foco nesta pesquisa, a metodologia behaviorista se justificou nos exercícios de

repetição que visaram à memorização do vocabulário, pois cada aluno repetiu individualmente as frases e depois em grupo.

As características cognitivistas estão presentes na forma como os diálogos e os conhecimentos ministrados nas aulas de inglês foram construídos com os alunos. Nas aulas, foram ensinadas frases que mudam conforme o contexto necessário, e na atividade de construção de diálogos, os alunos foram estimulados a formular novas orações a partir dos grupos de palavras ensinados. Os alunos foram responsáveis pela construção do conhecimento, a partir de suas experiências.

As características sócio-interacionistas estão presentes na interação entre os alunos, professores e/ou colegas de classe, que propiciaram a construção do conhecimento compartilhado. A questão central foi a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio e com o outro, aplicada à atividade oral de dramatização

A quarta pergunta buscava informações sobre as etapas do projeto, em relação à explicação do professor, a tradução do Português para Inglês, a repetição individual das frases, a repetição em coro e a produção do seu próprio diálogo. Nesta questão foram coletados os seguintes dados:

Perguntas	N.o Alunos + %			
	Aprende muito bem	Aprende bem	Aprende pouco	Não aprende
A - Explicação do professor	17 = 41,5 %	22 = 53,6 %	02 = 04,9 %	00 = 0,0 %
B - Tradução do Português para o Inglês	13 = 31,7 %	17 = 41,5 %	11 = 26,8 %	00 = 0,0 %
C - Repetição individual das frases	23 = 56,1 %	14 = 34,2 %	03 = 07,3 %	01 = 2,4 %
D - Repetição das frases em coro	15 = 36,6 %	12 = 29,3 %	11 = 26,8 %	03 = 7,3 %
E - Produzindo seu próprio diálogo	18 = 43,9 %	15 = 36,6 %	07 = 17,1 %	01 = 2,4 %
F - Ouvir músicas e traduzi-las do Inglês para o Português	09 = 21, 9%	14 = 34,2 %	15 = 36,6 %	03 = 7,3 %

Quadro nº 3.4 – Aprendizagem em diversas etapas metodológicas

Os dados acima mostram as opiniões dos alunos a respeito da eficiência das metodologias usadas para ensiná-los e quanto motivados ficaram para aprender em cada etapa metodológica. Estes dados me direcionam a elaborar aulas sempre mais dinâmicas e eficientes. As respostas foram relacionadas à metodologia usada, e, de acordo com os dados coletados, as aulas práticas surtiram bons efeitos e os alunos afirmaram terem aprendido em todas as etapas metodológicas.

No que se refere à explicação do professor (item A), a maioria dos alunos afirma estar aprendendo bem (41,5%), o que me estimula a continuar aperfeiçoando a minha metodologia de ensino e buscar mais soluções para eventuais problemas de aprendizagem dos alunos.

O uso de tradução inversa, na qual eu falo frases em português e os alunos fazem a tradução oral para o inglês (item B), parece estar ajudando os alunos a aprender, uma vez que a maioria indica aprender bem (41,5 %) e muito bem (31,7 %).

Essa mesma situação se repete com relação à repetição individual das frases (item C), com 56,1% dos alunos indicando que isso os ajuda a aprender muito bem e 34,2% a aprender bem. Contudo, quanto à repetição das frases em coro (item D), as opiniões são diversificadas. A maioria gosta da atividade, indicando que aprendem muito bem (36,6%) e bem (29,3%), mas é interessante a parcela de alunos que afirma aprender pouco com as repetições em grupo (26,8 %).

No que diz respeito à atividade de produção dos diálogos para os vídeos, usando o vocabulário ensinado no projeto *“English for Life”* (item E), a maioria dos alunos afirma aprender muito bem (43,9 %) e bem (36,6 %), indicando que esta atividade é pertinente, pois ajudou os alunos a aprender o vocabulário ensinado.

Com relação a ouvir músicas e traduzi-las do Inglês para o Português, apesar de não ser o foco desta pesquisa e de essa atividade não ter sido desenvolvida no projeto English for Life, me interessei por saber qual a opinião deles a respeito desse tipo de atividade uma vez que os alunos a requisitam com frequência. O resultado confirma a simpatia da maioria dos alunos por esse tipo de atividade (9=21,9% acham que aprendem muito bem e 14=34,2% acham que aprendem bem). Contudo, surpreendeu-me a parcela de 15=36,6 % que revela aprender pouco e a de 03=7,3 % que revela não aprender por intermédio de atividades com música, e uma possibilidade de justificativa para essas respostas pode ser que talvez esses alunos não tenham tido experiências positivas com essa atividade nas aulas de inglês nas séries anteriores.

A quinta questão investigou “o quanto os alunos se sentem interessados em aprender outro idioma” e apresentou os seguintes dados:

O quanto os alunos se sentem interessados em aprender outro idioma	N.o Alunos	%
Muito interessado em aprender outro idioma	18	43,9%
Interessado em aprender outro idioma	12	29,3%
Um pouco de interesse de aprender outro idioma	11	26,8%
Não se interessa por aprender outro idioma	00	00%

Quadro nº 3.5: Interesse em aprender outro idioma

Esta pergunta dava aos alunos a possibilidade de justificar suas escolhas. Assim, os *alunos muito interessados* em aprender outro idioma (43,9 %) argumentaram que gostam de estudar línguas estrangeiras, em especial Inglês. Acreditam que saber outro idioma os ajudará em seu futuro profissional. Outros se interessam pela possibilidade de viajar ou trabalhar no exterior e vêem possibilidades de emprego nas multinacionais. A maioria acha fundamental estudar em uma escola de idiomas e acha que realmente vão precisar de outro idioma.

Os alunos que se classificaram como *interessados* (29,3%) argumentaram que devido à globalização, a língua inglesa está muito presente no nosso dia-a-dia e o brasileiro está cada vez mais tendo que se comunicar com estrangeiros através da língua Inglesa, por isso acreditam que no futuro este idioma será praticamente uma segunda língua no Brasil e quem não dominá-la não terá boas perspectivas profissionais.

Dentre os alunos que se revelaram *pouco interessados* (26,8 %), há argumentos de que, apesar de considerar importante falar outro idioma, alguns não se interessam porque não gostam de línguas estrangeiras, outros alegam vergonha ou muita dificuldade para aprender idiomas porque acham a língua inglesa difícil e por isso traçam outros objetivos profissionais.

Acredito que os dados desta questão me indicam que as aulas motivaram os alunos a querer aprender a falar outro idioma e que ficaram mais atentos à disciplina. Suas argumentações foram relacionadas à importância que eles atribuem ao fato de dominar outro idioma para que consigam uma boa qualificação profissional para o mercado de trabalho. Vejamos alguns dos relatos:

- o *Janaina: Estou muito interessada pois quero aprender mais de um idioma, pois acho muito importante pois no futuro nos ajudará.*

- o *Jean: Estou muito interessado porque um dia eu posso precisar.*
- o *Carlos: Estou muito interessado. Quero muito aprender inglês porque pretendo conhecer o exterior e o inglês será fundamental.*
- o *Vitor: Estou até atrás de cursos de outros idiomas porque futuramente eu posso trabalhar em uma multinacional.*
- o *Fernanda: Estou muito interessada, pois ajuda na hora de arranjar emprego.*
- o *Jaqueline: Fico muito interessada porque eu sei que lá na frente vou precisar quando for trabalhar, pois tem emprego que pede estas línguas.*
- o *Jardeilson: Me interessa tipo porque eu sei que um dia vou precisar disso que estou aprendendo.*
- o *Ingrid: Tenho um pouco de interesse para eu poder falar bem com outras pessoas de outros países.*

A sexta questão sobre “como os alunos preferem aprender Inglês” revelou que:

Como os alunos preferem aprender Inglês	N.º Alunos	%
Sozinho	02	04,9%
Com colegas	11	26,8%
Nas aulas de Inglês da Escola	10	24,4%
No curso de idiomas	09	22%
Com colegas e nas aulas de Inglês da Escola:	03	07,3%
Com colegas e no curso de idiomas	01	02,4%
Nas aulas de Inglês da escola e no curso de idiomas	02	04,9%
Com colegas, nas aulas de Inglês da Escola e no curso de idiomas	02	04,9%
Sozinho, com colegas, nas aulas de Inglês da Escola e no curso de idiomas	01	02,4%

Quadro nº 3.6: Como os alunos preferem aprender Inglês

Nesta questão pude verificar se os alunos gostavam de trabalhar em grupo, pois a proposta da atividade era trabalhar com a oralidade, que não acontece sem a ajuda do outro. Além disso, pude conhecer mais meus alunos, saber como preferem estudar inglês e como sentem-se motivados para aprender. Na teoria de Vygotsky (1935), sobre a aprendizagem e desenvolvimento, discute-se a aprendizagem como uma forma de socialização da língua entre indivíduos e, não somente, um processo de informação executado apenas por um indivíduo.

Os 26,8% dos alunos que preferem estudar com os colegas argumentaram que a interação com o grupo de amigos fez com que se concentrassem e se desenvolvessem melhor, pois o clima ficou mais descontraído.

Os 2 alunos (4,9%) que preferem aprender sozinhos se declararam tímidos, temem ser ridicularizados pelos colegas e acham que se concentram melhor assim.

Os alunos que preferem aprender Inglês nas aulas da escola (24,4%), por meio do projeto “*English for Life*”, argumentaram que aprenderam nas aulas do projeto, pois durante as aulas qualquer dúvida poderia ser tirada na hora e o professor usou a metodologia adequada para ensinar. Estes 24,4% de aprovação do projeto me leva a crer que a metodologia usada para ensiná-los realmente funcionou para motivá-los a querer aprender inglês.

Os alunos que preferem estudar em cursos de idiomas (22%) alegaram que este é o lugar ideal para se aprender, pois somente lá se tornarão fluentes e dominarão de forma avançada o idioma estrangeiro.

Vejamos abaixo alguns dos relatos dos alunos sobre essa questão:

- o *Jardeilson: Prefiro aprender nas aulas de inglês da escola, porque é melhor por que você pode tirar suas dúvidas com os colegas e com o professor.*
- o *Diogo: Prefiro as aulas de inglês da escola, pois interagimos com o professor e com nossos colegas.*
- o *Richard: Prefiro as aulas de inglês da escola, pois tem um professor que pode tirar dúvidas a qualquer momento.*
- o *Amanda: Prefiro as aulas de inglês da escola porque a sala inteira participa e assim cada um dá a sua opinião e tira as suas dúvidas, e o professor nos ajuda.*
- o *Raphaela: prefiro as aulas de inglês da escola, pois é mais pessoas e dá mais interesse, e o professor tira todas as dúvidas.*
- o *Gregoris: Prefiro as aulas de inglês da escola porque cada aula tem um modo de aprender como escrever, falar ou montar frases.*
- o *Adriano: Prefiro as aulas de inglês da escola porque é mais interativo.*

- o *Bruno: Na escola nós aprendemos bastante, mas no curso de idiomas o inglês é mais aprofundado.*
- o *Diego: Eu gostaria muito de fazer um curso de idiomas. Eu acho que se pudesse aprenderia todos os idiomas. Eu me interessava muito pelas aulas de inglês da escola.*
- o *Vanessa: Prefiro o curso de idiomas porque aprendi muito mais do que na escola.*
- o *Beatriz: Prefiro o curso de idiomas, porque lá pode-se desenvolver melhor do que na escola.*
- o *Alessandra: Prefiro aprender com os colegas porque o clima fica mais descontraído e agente aprende mais rápido.*
- o *Aline: Prefiro aprender com os colegas, pois você pode ouvir e falar ao mesmo tempo.*
- o *Brenda: Prefiro aprender sozinha porque tenho muita vergonha.*
- o *Vitor: Prefiro aprender sozinho, porque eu melhoro individualmente, não só inglês como todas as matéria.*

A sétima questão levanta dados relacionados ao aprendizado anterior de Inglês. Os itens foram distribuídos em: pré-escola, 1ª a 4ª série, 5ª a 8ª série, 1ª a 2ª série do ensino médio e escola de idiomas.

Quando os alunos estudaram Inglês anteriormente	N.o Alunos	%
Pré – escola	-	-
1º a 4º série do Ensino Fundamental	02	04,9 %
5º a 8º série do Ensino Fundamental e 1º e 2º série do Ensino Médio	34	82,9 %
Apenas no 1º e 2º série de Ensino Médio	02	04,9 %
Curso de idiomas	03	07,3 %

Quadro nº 3.7: Aprendizagem anterior de Inglês

Nesta questão pretendi saber se os alunos haviam estudado inglês fora do âmbito escolar da rede pública. Os dados revelaram que a maioria (82,9%) dos alunos teve contato com a língua inglesa no contexto atual da 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental e na 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, como era esperado, mas apenas 3 alunos (7,3%) estudaram inglês em cursos de idiomas.

A oitava questão investigou “o que os alunos faziam nas aulas de Inglês das séries anteriores.”. As alternativas propostas surgiram de conversa com os alunos sobre o que faziam nas aulas de inglês dos anos anteriores. Os alunos foram orientados a marcar mais de uma alternativa, caso achassem conveniente. Busquei com esta questão, conhecer a trajetória metodológica de aprendizagem da língua inglesa que os alunos tiveram e verificar se já haviam feito alguma atividade relacionada à produção de diálogos e dramatizações anteriormente. Os seguintes dados foram coletados:

Atividades nas aulas de Inglês das séries anteriores	N.o Alunos	%
Exercícios de tradução do Inglês para o Português	34	82,9%
Tradução do Inglês para o Português	24	58,5%
Exercícios escritos de vocabulário e gramática	18	43,9%
Leitura	17	41,5%
Memorização e apresentação oral de diálogos	10	24,4%
Encenação de peças de teatro em Inglês	04	09,8%
Músicas	22	53,7%
Vídeos	10	24,4%
Aprendizagem através de situações cotidianas	06	14,6%
Outras atividades	03	07,3%

Quadro nº 3.8: Atividades nas aulas de Inglês das séries anteriores

Através desta questão pude verificar que as metodologias que os alunos foram submetidos no passado contemplaram muito pouco para a prática e priorizaram muito mais os conteúdos gramaticais. Segundo relatos, os alunos sentiam-se desmotivados porque não conseguiam ver sentido prático nas coisas que estavam aprendendo. A teoria quase nunca esteve atrelada a prática, o que provavelmente causou muito desinteresse por parte dos alunos.

Os 03 alunos que marcaram o item “Outras atividades” relataram terem estudado apenas o verbo *To Be*, terem feito exames de chamada oral e preparado enfeites de decorações para festas de Halloween.

Alguns relatos escritos foram:

- o *Diego: Eu já tinha aulas de inglês da 5ª até o 1º ano, mas só vim me interessar agora no 2º ano.*

- o *Maria: Agora é muito melhor.*
- o *Larissa: Só aprendi o “verbo to be” e nada mais.*
- o *Janaina: Só “verbo to be” e exercício de gramática.*

A nona questão trouxe 5 frases que foram tralhadas no decorrer do semestre e buscou saber o que os alunos sabiam reconhecer em Inglês. O enunciado pedia que marcassem com “X” e traduzissem o que soubessem. Como não foram avisados da aplicação do questionário, esta pergunta teve o intuito de verificar o que realmente memorizaram e verificar a eficiência das aulas do projeto, sendo assim, não foi permitida nem um tipo de consulta. As frases foram:

Frases	Acertos	%
How do you say “Festa” in English?	38	92,7%
I am lost! Where is Paulista Avenue?	34	82,9%
How much is your car?	23	56,1%
I don’t understand English!	38	92,7%
Can I talk to your brother, please?	35	85,4%
I am not felling well!	22	53,7%
Reconheceram e traduziram corretamente todas as frases	20	48,8%

Quadro nº 3.9: O que os alunos sabem reconhecer em relação às frases ensinadas

Por meio destes dados, pude constatar que a maioria dos alunos aprendeu as frases ensinadas. A memorização aconteceu por meio da repetição individual e em coro na fase de *input* linguístico e na confecção dos diálogos, seguidos pelos ensaios dramatizados. Os dados mostram que essas atividades práticas com ênfase na oralidade realmente reforçaram o aprendizado e contribuíram positivamente para uma aprendizagem efetiva. De acordo com as palavras de Vigotsky (1935), o conhecimento passou a ser objeto da necessidade e interesse dos alunos, visando sua atuação no momento e no mundo em que este vive.

A décima questão investigou se os alunos sentiam-se à vontade falando Inglês em sala de aula.

Sente-se a vontade falando Inglês em sala de aula?	Alunos	%
--	--------	---

Sim	26	63,4%
Não	15	36,6%

Quadro nº 3.10: Grau de inibição dos alunos para falar Inglês durante as aulas

Os dados mostraram que as etapas metodológicas de *input* linguístico, repetição individual e em coro, produção dos diálogos e os treinos de oralidade foram válidos para motivá-los a aprender, pois de acordo com os relatos eles se sentem mais seguros quanto à por em uso o que aprenderam e relatam melhora na alta-estima ao se expressarem em inglês e confiança de que aprenderam as frases trabalhadas nas aulas.

Os 63,4% de alunos que afirmaram sentir-se à vontade falando Inglês na sala de aula justificaram que a metodologia usada para as aulas foi atrativa e que o professor lhes trouxe confiança. Além disso, ficaram à vontade, pois puderam esclarecer dúvidas e aprender. Muitos acreditam que a correção do professor ajudou e que os exercícios orais foram fundamentais para mostrar se realmente aprenderam. Outros relataram que a presença dos colegas tornou a aula mais dinâmica e interativa e que puderam esclarecer com eles pequenas dúvidas, como se pode observar nos relatos abaixo sobre os ensaios dos diálogos que aconteciam em grupos:

- o *Luan: É mais legal fala em grupo, pois um ajuda o outro e isso me deixa a vontade.*
- o *Jobson: Todo mundo participa e eu não fico com vergonha.*
- o *Diogo: com os exercícios aprendo melhor.*
- o *Letícia: As aulas de inglês da escola são bem descontraídas e bem estimulantes.*
- o *Richard: Eu posso tirar minhas dúvidas junto com o professor e os colegas.*
- o *Ana Carolina: Um ajuda o outro e tira suas dúvidas.*
- o *Caique: Se eu errar o professor pode ajudar na correção.*
- o *Jaqueline: Falar é um meio de o professor saber se estou aprendendo.*

Os alunos que afirmaram não se sentirem à vontade falando Inglês em sala de aula (36,6%) atribuíram esse incômodo a timidez para falar em público, vergonha e receio de ser alvo de zombaria e críticas dos colegas (*bullying*), insegurança de não dominar a matéria, como se observa em alguns dos relatos abaixo:

- o *Brenda: Eu tenho vergonha.*
- o *Janaína: Tenho um pouco de vergonha e um pouco de medo de errar a pronúncia.*
- o *Beatriz: Qualquer coisa que você pronunciar errado em inglês a classe fica rindo.*
- o *Jardeilson: Tenho vergonha dos outros me zurem.*
- o *Fernanda: Quando as pessoas erra, os outros fica dando risada.*
- o *Vitor: Sou tímido.*
- o *Maria: Me sinto envergonhada e com medo dos outros me zurem na sala.*

A partir dos relatos dos alunos pude confirmar o quanto a timidez, o medo e a baixa auto-estima podem atrapalhar a aprendizagem. Foi pensando nisso que elaborei o projeto “*English for Life*”, cujo intuito era atrair a atenção dos alunos para aprender por meio de atividades práticas que envolvessem a oralidade da língua inglesa, com a intenção de resgatar a auto-confiança e o desejo de aprender dos alunos com baixa auto-estima.

A décima primeira questão buscou saber quais os bloqueios que poderiam impedir a aprendizagem da língua Inglesa. O enunciado informava que mais de uma opção poderia ser marcada. As opções foram:

Bloqueios que podem impedir a aprendizagem da língua Inglesa	Alunos	%
Não tenho bloqueios para aprender Inglês	25	61,0 %
Atitude do professor diante dos erros	00	00,0 %
Vergonha dos colegas quando comete um erro	19	46,3 %
Timidez de falar em público	22	53,7 %
Falta de interesse	00	00,0 %

Quadro nº 3.11: Bloqueios que impedem a aprendizagem dos alunos

Nesta questão, os dados coletados me mostraram alguns fatores que poderiam impedir a aprendizagem dos alunos como, por exemplo, a vergonha e o medo de errar, que os desmotivam a aprender. As etapas de repetição e memorização dos vocabulários e os ensaios para as filmagens dos diálogos tiveram a intenção de tornar os alunos fluentes nas frases aprendidas e conseqüentemente, mais confiantes em si mesmos. A maioria dos alunos envolvidos nesta pesquisa são muito pobres, com baixa auto-estima, e falar alguma coisa em outro idioma, conseguindo dominar o que estava sendo dito, foi realmente um grande desafio para eles. Quando treinamos a pronúncia nas aulas de

input linguístico e nas dramatizações, os alunos tiveram a oportunidade de se tornar fluentes nos diálogos, o que contribuiu para sua auto-confiança. Os resultados mostraram que os alunos sentiram que aprenderam e memorizaram o que foi ensinado. A partir desses dados pude verificar o quanto as atividades de produção de diálogos, dramatização e filmagens puderam contribuir para melhorar a aprendizagem, romper bloqueios e reforçar a auto-estima dos alunos. Os relatos me levam a crer que os objetivos propostos foram atingidos com êxito, pois muitos alunos afirmam conseguir falar e entender as frases que foram ensinadas.

3.1.2 Análise do questionário 2 (Anexo 2)

41 alunos responderam ao questionário 2 no dia 09 de Agosto de 2011. Quanto à primeira pergunta “Você acha que as frases que aprendeu na primeira etapa do projeto são úteis? Destas, qual você acha que poderia vir a usar? Por quê?”, a maioria dos alunos (90,3%) afirmou que as frases foram úteis. Penso que esse dado revela que os alunos acharam importância no que foi ensinado e isso contribuiu para que se interessassem pelas aulas.

As frases que aprenderam foram úteis?	Alunos	%
Sim.	37	90,3%
Não	00	00%
Não responderam	04	09,7%

Quadro nº 3.12: Relatos sobre o grau de importância das frases ensinadas

Nesta questão os alunos colocaram, de maneira geral, a maioria das frases ensinadas, alguns disseram que todas são úteis, outros citaram uma ou duas frases aprendidas nas aulas e outros se referiram apenas à temática das lições que mais lhes marcaram, conforme indicado a seguir.

Frases	Quantidade de vezes que foram citadas
Can I talk to...?	5
I don't understand!	4
Where is ...?	4
I am/ we are lost!	2
An Information, please!	2
I want to rent a...!	2

Wait a moment!	2
----------------	---

Quadro nº 3.13: Frases em inglês mais citadas pelos alunos

Alguns dos relatos foram:

- o *Lucas: Achei úteis as frases que aprendi neste projeto. Tem pessoa que não sabia nada e agora sabe. A primeira etapa do projeto foi boa.*
- o *Jean: São importantes e eu posso precisar delas.*
- o *Filipe: Falar “I don’t understand” poderá me ajudar quando eu não entender algo que o professor ou outra pessoa está dizendo.*
- o *Caique: A maioria das frases que aprendi no projeto são úteis, ainda mais que na Copa que terão um monte de estrangeiros asking for informations.*
- o *Amanda: Todas as frases que aprendi são úteis e um dia eu posso utilizá-las.*
- o *Larissa: “Can I talk to...?”, “wait a moment” serão úteis num eventual trabalho de recepcionista.*
- o *Adjar: Dizer “I am lost” me ajudará a informar caso venha a me perder.*
- o *Jardeilson: Com o que aprendi, se um dia eu viajar já saberei como falar que quero alugar um quarto.*
- o *Raphaella: As frases que aprendi são importantes, como: alugar um quarto de hotel, um carro ou pedir informações etc.*
- o *Jobson: Todas as frases foram importantes, mas o mais importante é que eu aprendi a pronúncia certa das palavras, pois eu falava errado.*
- o *Vinicius: Aprendi várias frases. Ficou mais fácil para se um dia eu fizer um curso.*
- o *Cilene: Achei importante aprender pelo menos o básico do Inglês porque hoje em dia tudo gira em volta do inglês.*
- o *Jaqueline: Eu acho que o que agente aprendeu é muito útil.*
- o *Camila: Na verdade todas as frases ensinadas são úteis. Hoje em dia é importante saber falar o inglês porque é uma língua mundial.*
- o *Luan: São muito úteis esses diálogos, eu vou usar muito daqui pra frente.*
- o *Augusto: O diálogo do Hotel um dia será útil.*
- o *Ednéia: Acho que me sinto preparada para atender a um telefone.*

Nesta questão pude verificar que os conteúdos ministrados nas aulas foram considerados úteis por boa parte dos alunos. Os relatos me levam a crer que eles sentem que aprenderam as frases para os diálogos e consideraram válidas as aulas de inglês deste ano. Os dados coletados indicam que uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa pode motivar os alunos a querer aprender e dominar o idioma e que desta maneira os conteúdos ministrados se mostraram mais úteis e eles conseguem ver sentido em aprender o que lhes foi proposto.

Com relação à segunda questão, “Você acredita que aprendeu o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e que as atividades mudaram a sua relação com as aulas de Inglês?”

Vejamos os resultados.

Aprendeu o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e acredita que as atividades mudaram a sua relação com as aulas de Inglês	Alunos	%
Sim	37	90,2%
Não	04	09,8%

Quadro nº 3.14: Impressões de Aprendizagem da Língua Inglesa

Os 90,2% dos alunos que afirmaram que aprenderam e argumentaram que conseguem produzir pequenos diálogos na vida real, caso seja necessário, relataram que: podem vir a usar o que aprenderam, que as aulas foram bem produtivas, que conseguem entender as frases ensinadas, que com os treinos das aulas se sentem aptos a usar na prática o que foi aprendido, que a prática da oralidade em sala de aula fez com que aprendessem mais, que o treino da pronúncia fez com que memorizassem o vocabulário e melhorou o entendimento das frases, que as aulas mais interativas atraíram o interesse e que antes não sabiam nem o básico. A grande maioria, portanto 37 alunos, afirmou que as atividades mudaram a relação que tinham com as aulas de inglês e que agora se consideram mais motivados para aprender, conforme alguns relatos abaixo:

- o *Amanda: No ano passado não aprendi nada disso e hoje sinto mais interesse pelas aulas de inglês.*
- o *Quezia: As atividades mudaram a minha relação com as aulas de inglês. O professor explica bem e dá para entender bem as frases.*

- o *Vitor: Antes de eu ter aulas com este professor eu sabia pouco. Agora eu aprendi várias frases e quando esqueço é só eu olhar no caderno e ler de novo.*
- o *Diego: Eu creio que aprendi o suficiente para produzir pequenos diálogos em inglês, pois aprendemos quase tudo sobre diversas ocasiões. Eu acho que ajudou muito as aulas de inglês porque todos alunos tiveram um grande avanço.*
- o *Filipe: Nas aulas de inglês, eu estou sabendo os significados das frases.*
- o *Adriano: As aulas de inglês estão mais interativas.*
- o *Helen: É muito melhor aprender na prática do que só na teoria. Agente pratica e decora as fala.*
- o *Fernanda: Nas aulas não aprendemos só escrita, e sim aprendemos aprende como se pronuncia as palavras.*
- o *Gregoris: Aprendi o suficiente porque as frases ensinadas pelo professor foram muito bem explicadas.*
- o *Camila: Aprendi muito e agora ando muito bem na matéria.*
- o *Agatha: Neste ano consegui aprender mais do que no ano que passou.*
- o *Jaqueline: Acredito que com as frases que aprendi eu posso criar pequenos diálogos. Eu uso em casa, na igreja e nas aulas.*
- o *Ednéia: Acredito que com as aulas posso entender algumas palavras em inglês e traduzi-las.*
- o *Vanessa: Agora que eu consigo produzir algumas fala em inglês na aula da escola.*
- o *Ingrid: Agente aprendeu a falar coisas que agente não sabia.*
- o *Diogo: Agora eu aprendi um pouco.*
- o *Felipe: O professor ensina e pede para nós repetirmos.*
- o *Jardeilson: Acho que aprendi porque treinamos muito e o professor ajudou bastante.*
- o *Raphaela: Consigo produzir alguns diálogos. Achei que as aula foi muito produtiva.*
- o *Jobson: Eu aprendi! Pode ver pelo vídeo, que preparamos um diálogo muito interessante.*
- o *Letícia: Antes eu só sabia o básico do básico do inglês.*
- o *Jeferson: Já dá pra tentar fazer um pequeno diálogo.*

Os 4 alunos que afirmaram não se considerarem aptos a produzir pequenos diálogos na vida real sentem que precisam aprender mais. Entre eles, um aluno argumentou que nunca se sentiu à vontade falando em inglês. Eis alguns dos relatos:

- o *Janaína: Tenho muito para aprender, quero estar 100% para poder fazer diálogos na vida real.*
- o *Alessandra: Acho que ainda tenho muito pra aprender com as aulas de inglês.*
- o *Ana Carolina: Tenho que aprender mais para poder gravar um pequeno diálogo.*
- o *Maria: Não me sinto à vontade falando inglês, pois tenho um pouco de vergonha..*

De acordo com os relatos dos alunos, as atividades práticas mudaram sua relação com a disciplina de inglês e motivou-os a se interessar mais pelas aulas. Muitos alegam que aprenderam as frases e que se consideram capazes de produzir pequenos diálogos na vida real.

A terceira questão buscava saber “Como você se sente ao realizar as atividades do projeto?”.

Como se sentem ao realizar as atividades do projeto?	Alunos	%
Sentem-se motivados pelo professor	21	51,2%
Sentem-se motivados pelo professor e descontraídos	03	07,3%
Sentem-se motivados pelo professor, mas se consideram tímidos	08	19,6%
Sentem-se desmotivados pelo professor	00	00%
Consideram-se tímidos	06	14,6%
Consideram-se descontraídos com as atividades do projeto	03	07,3%
Consideram-se sem interesse	00	00%

Quadro nº 3.15: Como os alunos se sentem ao realizar as atividades do projeto

Nessa questão, pude constatar que a abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa, aplicada com estes alunos, serviu para motivá-los a se interessar por aprender inglês. Os dados indicam que a atividade proposta está sendo eficiente porque, apesar da timidez, 51,2% dos alunos sentem-se motivados a aprender. Os alunos revelam que aprovaram a metodologia usada no projeto e que as atitudes do professor serviram para motivá-los a aprender.

Quanto à quarta questão, “Você sente que aprendeu melhor a Língua Inglesa neste período da proposta de trabalho? Por quê?”, todos os alunos (100%) afirmam que sentem ter aprendido melhor a Língua Inglesa neste período, com esta proposta de trabalho. Esse dado revela que a aprendizagem por meio de diálogos foi eficiente e que os alunos se sentiram mais motivados com a maneira que o vocabulário foi ensinado.

Seu aprendizado foi melhor neste período da proposta de trabalho?	Alunos	%
Sim	41	100%
Não	00	00%

Quadro nº 3.16: Como foi o aprendizado no período da proposta de trabalho

Dentre as justificativas dadas pelos alunos, algumas indicaram que as repetições individuais e em grupo ajudaram, que a afetividade do professor contribuiu para romper bloqueios, a interatividade com os colegas, a construção dos diálogos e os ensaios ajudaram a aprender, que a simulação de diálogos fizeram a diferença na aprendizagem e que as lições foram muito bem ensinadas pelo professor. Dizem que agora conseguem entender as frases e consequentemente as aulas. O foco na prática da língua inglesa fez com que se sentissem motivados a aprender, e que, por gostar do projeto, acabaram decorando as frases. Eis alguns dos relatos.

- o *Lucas: Eu aprendi! Porque quando eu estava no primeiro ano eu não sabia falar nem uma palavra em inglês.*
- o *Letícia: É bem melhor aprender assim.*
- o *Jeferson: O professor sabe ensinar.*
- o *Jean: O fato de memorizar as falas para as filmagens me ajudou a ficar mais ciente do que significa cada palavra.*
- o *Bruno: Teve mais interatividade. Os diálogos ajudaram a ter uma noção de um cotidiano em inglês.*
- o *Ednéia: O professor sabe explicar bem. Quando ele vai de carteira em carteira ele nos ajuda se tivermos com dificuldades.*
- o *Camila: Eu sinto que aprendi através dos ensaios para os vídeos.*
- o *Aline: Sinto que aprendi, porque o professor teve um jeito especial e carinhoso de ensinar.*
- o *Amanda: Foi neste ano que vi e aprendi através de diálogos e muito mais.*

- o *Carlos: A atividade dada nos ajudará na conversação da língua inglesa.*
- o *Ana Carolina: Eu sinto que aprendi melhor porque o professor nos ensinou como falar as frases corretamente.*
- o *Jaqueline: Eu gostei muito do jeito que o professor ensina.*
- o *Agatha: Acabamos se interessando mais pelas aulas de inglês.*
- o *Grégoris: Apesar de não ter filmado meu diálogo eu aprendi a falar corretamente.*
- o *Fernanda: Gostei de aprender as pronúncias e não apenas escrever.*
- o *Ingrid: Agente é muito motivado para aprender e fazer tudo isso.*
- o *Vinicius: Sinto que aprendi porque usamos a língua inglesa na prática.*
- o *Helen: Aprendi porque não foi muita teoria.*
- o *Jobson: Sinto que aprendi porque foi fácil a forma que a língua inglesa foi ensinada.*
- o *Quézia: Sinto que aprendi e que melhorei em Inglês. Agora dá para entender bastante.*
- o *Alessandra: Sinto que aprendi, porque eu decorei as falas e elas ficaram na cabeça.*
- o *Felipe: Melhorou meu inglês.*
- o *Roland: O professor interage mais com os alunos.*

Nesta questão, a partir dos relatos dos alunos pude concluir que as atividades foram válidas para motivá-los a aprender, pois muitos afirmam que aprenderam melhor neste período com esta proposta de trabalho. Muitos alunos revelaram aumento de interesse pela disciplina, pois se mostraram bem mais interessados e satisfeitos por aprender através de diálogos, de uma maneira mais prática.

Na quinta questão, “Como você se sentiu ao apresentar seu vídeo para sua classe?”, os seguintes dados foram coletados:

Como se sentiram ao apresentar os vídeos com os diálogos gravados para os colegas de classe?	Alunos	%
Sentiram-se bem	03	07,3%
Sentiram-se bem, mas tiveram um pouco de vergonha	03	07,3%
Sentiram-se bem, mas tiveram muita vergonha	01	02,4%
Sentiram-se bem, mas tiveram muita vergonha e ficaram nervosos	01	02,4%
Sentiram-se bem, mas ficaram nervosos	01	02,4%
Sentiram-se muito bem	02	04,9%
Sentiram-se muito bem e importantes	01	02,4%
Sentiram-se muito bem, mas com um pouco de vergonha	03	07,3%
Sentiram-se muito bem, tiveram um pouco de vergonha, mas se sentiram importantes	02	04,9%
Sentiram-se muito bem, tiveram um pouco de vergonha e ficaram nervosos	01	02,4%
Sentiram um pouco de vergonha	03	07,3%
Sentiram muita vergonha	08	19,7%
Sentiram muita vergonha e ficaram nervosos	02	04,9%

Ficaram tristes	00	00,0%
Filmaram os diálogos	31	75,6%
Não Filmaram os diálogos	10	24,4%

Quadro nº 3.17: Como os alunos se sentiram ao apresentar seus vídeos para a classe

Nesta questão, os dados parecem indicar que embora as filmagens tenham motivado os alunos para estudar, e ter ficado evidente o aumento de interesse pela disciplina, oito alunos (19,7%) tiveram vergonha de se ver nos vídeos e ficaram com medo dos colegas rirem deles.

Os dados indicam que as reações à gravação foram diversificadas. Alguns alunos revelaram que ao apresentar seus vídeos para os colegas sentiram bem-estar e auto-valorização. Outros manifestaram timidez e medo de não ter feito um vídeo tão bom. 31 alunos (75,6%) finalizaram a atividade com a produção dos vídeos com seus diálogos, porém 10 alunos (24,4%) pertencentes a 2 grupos não filmaram seus diálogos e alegaram falta de entrosamento e comprometimento entre eles. De acordo com minhas observações pude constatar que estes alunos estavam mais interessados em ficar brincando nas aulas e de acordo com outros professores, eles também não se dedicaram em outras disciplinas.

Na sexta questão, “Qual foi sua sensação ao produzir seu próprio diálogo e assisti-lo depois?”, procurei saber a opinião dos alunos em relação às atividades realizadas e o que esses alunos acharam de serem expostos às atividades de preparação, dramatização e filmagem dos diálogos. Os 61% dos alunos que afirmaram ter gostado de filmar seus diálogos me levam a crer que esta atividade é pertinente e é também uma forma eficiente de motivá-los a aprender.

Qual a sensação de produzir um diálogo escrito e assisti-lo filmado.	Alunos	%
Gostaram de produzir seu diálogo, filmá-lo e assisti-lo.	26	63,4%
Filmaram seus diálogos, mas tiveram vergonha de assisti-lo com os colegas.	05	12,2%
Produziram os diálogos, mas não filmaram os vídeos.	10	24,4%

Quadro nº 3.18: Sensação que os alunos tiveram de produzir diálogos e assisti-lo em vídeo

De acordo com os dados coletados, 63,4% dos alunos relataram que as filmagens dos diálogos foram produtivas, que se sentiram interessados e que a atividade foi vista como uma superação, que melhorou o entendimento e a pronúncia, que aprenderam mais

com esta atividade diferenciada, que foi divertido filmar os diálogos e que se interessaram mais e ficaram satisfeitos, apesar dos relatos de medo por achar que não conseguiriam finalizá-lo. Há relatos de que gostaram de mostrar o que aprenderam, que foi muito prazeroso ver os vídeos prontos e que aprenderam mais apesar da vergonha de serem filmados e que tiveram a sensação de trabalho bem feito, apesar da timidez. De acordo com os relatos, a filmagem mostrou-se eficiente para atrair o interesse dos alunos. Os 12,2% dos alunos que alegaram timidez, tiveram medo dos colegas não gostarem de seus vídeos e vergonha caso eles rissem. Vejamos alguns relatos:

- o *Adjar: Achei interessante produzir meu diálogo e filmá-lo porque eu achava que não conseguiria.*
- o *Jobson: Foi muito prazeroso ver esse diálogo pronto e em forma de vídeo.*
- o *Janaina: Me senti satisfeita, pois achava que eu não iria conseguir.*
- o *Jaqueline: Produzir meu diálogo e filmá-lo me trouxe uma sensação de alegria de ver que fiz o que eu aprendi.*
- o *Fernanda: A sensação de produzir meu diálogo e filmá-lo foi ótima e me fez perceber que sou capaz. Gostei de produzir e apresentar meu próprio vídeo.*
- o *Gregoris: Apesar de não ter filmado meu diálogo os diálogos que assisti ficaram bons pois houve bastante envolvimento dos alunos.*
- o *Adriano: A sensação que senti foi boa e achei legal produzir o diálogo e o vídeo.*
- o *Jardeilson: Produzir meu diálogo e filmá-lo me causou bem estar e eu gostei de mostrar o que aprendi.*
- o *Camila: A sensação foi muito boa e eu me senti importante.*
- o *Luan: A sensação que tive foi ótima, pois eu gostei muito do meu vídeo.*
- o *Bruno: Tive uma sensação de trabalho bem sucedido.*
- o *Richard; Senti-me tão bem que parecia até que eu era ator.*
- o *Carlos: Tive uma sensação de satisfação e de comprometimento.*
- o *Caique: A sensação de produzir meu diálogo e filmá-lo foi muito louca e divertida.*
- o *Alessandra: Eu achei bem legal, mas meu vídeo poderia ter ficado melhor.*
- o *Aline: Foi legal a atividade.*
- o *Jeferson: A sensação foi boa, mas deu um pouco de vergonha*

- o *Raphaella: Foi legal produzir meu diálogo e filmá-lo, mas fiquei com muita vergonha*
- o *Larissa: Tive vergonha, mas foi bom filmar os vídeos.*
- o *Ana Carolina: Gostei de produzir meu vídeo e filmá-lo, mas o vídeo foi gravado de última hora e eu não estava arrumada. Por isso não gostei e senti vergonha.*
- o *Amanda: Senti muita vergonha.*
- o *Quézia: Senti muita vergonha porque sou muito tímida.*

De acordo com os relatos dos alunos, a atividade de produzir, filmar os diálogos e assisti-los depois foi muito produtiva. Apesar de alegarem timidez e vergonha a grande maioria (63,4%) gostou da atividade e aprendeu com ela.

Com base nos dados coletados, parece-me possível verificar que houve motivação para aprender e interesse por realizar a atividade de dramatização. A partir dos relatos dos alunos, percebe-se que a abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa certamente os deixou mais motivados e confiantes em si mesmos, levando-os a uma aprendizagem significativa.

Quanto à sétima questão, “O que você achou da atividade de filmar os diálogos? Você acha que isso te fez aprender mais?”, a maioria dos alunos afirma ter aprendido bem com as filmagens dos diálogos (83%), o que me leva a crer que os objetivos foram atingidos e que as atividades foram válidas para facilitar o aprendizado da Língua Inglesa.

O que os alunos acharam da atividade de filmar os diálogos	Alunos	%
Aprenderam mais com as filmagens dos diálogos.	31	75.6%
Não aprenderam com as filmagens dos diálogos.	00	00,0%
Não filmaram os diálogos, mas aprenderam com os ensaios.	07	17,1%
Não filmaram os diálogos e não se manifestaram sobre a atividade	03	07.3%

Quadro nº 3.19: Opinião dos alunos sobre a atividade de filmar os diálogos

Os 75.6% dos alunos que relataram que gostaram muito de filmar os diálogos e que aprenderam bastante, tanto produzindo os diálogos como filmando e assistindo aos vídeos dos colegas, afirmaram que as aulas foram produtivas e que aprenderam se

divertindo, que sentiram que os alunos se empenharam e treinaram bastante e isso fez com que aprendessem mais, o que foi importante para alguns, pois fez com que perdessem a vergonha. Há relatos de que os ensaios ajudaram no aprendizado não só de Inglês, mas de outra natureza, como usar o editor de imagens *Windows Movie Maker* e aprender sobre o mundo das filmagens. Dizem ainda que, apesar da vergonha e timidez, aprenderam muito e passaram a se dedicar mais nas aulas de Inglês, pois agora conseguem falar algumas coisas e que a prática da oralidade fez com que aprendessem de maneira mais fácil. Eis alguns dos relatos:

- o *Filipe: Com certeza aprendi mais, pois não ficamos só na teoria mas também fomos para a prática.*
- o *Jeferson: Achei que as filmagens fais os aluno perder a vergonha.*
- o *Jean: Achei que aprendi mais, pois com interatividade fica mais fácil de aprender.*
- o *Richard: A atividade me fez se dedicar mais nas aulas de inglês.*
- o *Luan: Gostei muito e aprendi bem mais com as filmagens.*
- o *Camila: Achei muito importante filmar os diálogos, pois isso me fez aprender mais.*
- o *Alessandra: Eu fiquei um pouco tímida, mas aprendi mais decorando as falas.*
- o *Caique: Me fez aprender e gostei muito de produzir os vídeos.*
- o *Adjar: A sensação de fazer o vídeo foi boa demais. Porque é gravado e a responsabilidade para fazer o melhor.*
- o *Quézia: Filmar os diálogos me fez aprender mais. Só achei ruim porque eu tenho muita vergonha.*
- o *Ana Carolina: Gostei de ter filmado o vídeo e acho que aprendi mais assim.*
- o *Fernanda: Aprendi melhor a desenvolver os diálogos.*
- o *Jobson: Achei a atividade muito boa. Ela fez com que os alunos se empenhassem. Com certeza aprendemos mais.*
- o *Raphaela: Foi bem engraçado filmar os diálogos e deu para aprender, pois decoramos as falas.*
- o *Augusto: Aprendi, pois tive que decorar as falas.*
- o *Agatha: Achei legal e consegui me interessar mais.*

- o *Gregoris: Os alunos aprendem não só fazendo os vídeos. Assistindo aos vídeos com atenção podemos aprender também.*
- o *Larissa: Foi bem legal filmar os diálogos e com certeza isso me fez aprender mais. Coisas que eu não sabia sobre filmagens, hoje eu sei.*
- o *Vinícius: Achei que na prática eu aprendi melhor.*
- o *Beatriz: Achei legal porque com diálogos podemos melhorar nossas falas.*
- o *Helen: Achei que aprendemos nos divertindo.*
- o *Adriano: Eu aprendi mais, pois não sabia a pronúncia de algumas palavras e tinha muito pouco contato com o editor de imagens Windows Movie Maker.*
- o *Letícia: Apesar de não ter filmado meu diálogo, achei legal as filmagens e aprendi mais sobre filmagem e edição de vídeos.*
- o *Edinéia: Não filmei meu diálogo, mas aprendi com os ensaios, pois fiquei repetindo várias vezes e o vocabulário acabou ficando na cabeça.*
- o *Felipe: Não filmei, mas achei muito legal a atividade de filmar os diálogos.*
- o *Vanessa: Não fiz o vídeo, mas gostei muito. O bom é que melhora nossas pronúncias e aprendemos mais.*
- o *Reginaldo: Não fiz a atividade, mas achei engraçado e interessante.*

De acordo com os relatos dos alunos, penso que, apesar de não ser o foco deste estudo, as filmagens dos diálogos foram muito produtivas para a aprendizagem e memorização do vocabulário e para a socialização dos alunos mais tímidos. Entre as respostas, há relatos de rompimento de bloqueios com a língua inglesa, prazer e bem-estar ao realizar a atividade. Os alunos que não chegaram a filmar seus diálogos, afirmam que aprenderam nos ensaios, observando as filmagens dos colegas e assistindo aos vídeos. Pude observar que as filmagens serviram como um desafio para lidar com a timidez. Acredito que a atividade de filmagem de diálogos produzidos pelos alunos seja pertinente para propiciar a memorização do vocabulário ensinado e para a melhoria do desempenho oral do idioma em questão. A atividade envolveu os alunos e houve grande aprovação e envolvimento por parte dos mesmos.

Os efeitos relacionados à motivação e interesse desta atividade foram os 75.6% de alunos totalmente envolvidos na atividade, que afirmam ter aprendido muito sobre

pronúncia, memorização do vocabulário ensinado e se divertiram bastante enquanto aprendiam. Para produzir seus vídeos, os alunos se envolveram com o universo digital e tiveram que pesquisar por meio de diversas fontes tecnológicas. Segundo relatos deste questionário, a atividade foi desafiadora e motivou os alunos tímidos a romper seus bloqueios e enfrentar seus medos.

Ao serem expostos à atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos, os alunos revelaram ter tido, além da língua inglesa, diversos tipos de aprendizagens como filmagem, edição, sonoplastia, iluminação, atuação, concentração, trabalho em equipe, protagonismo, dinamismo. Tiveram a oportunidade de conhecer um pouco do universo de algumas profissões relacionadas ao mundo das filmagens e aprender o vocabulário ensinado para a confecção dos diálogos em inglês e memorizar sua pronúncia. Em conversas informais sobre a atividade de filmagens, os relatos foram de que a atividade será inesquecível para eles e que os vídeos serão uma recordação dos tempos de adolescência.

Com relação à oitava questão, “Considerando as atividades de construção dos diálogos e filmá-los, qual nota (de um a quatro) você pode atribuir ao seu aprendizado de pronúncia? Por quê?”, a mesma situação se repete com relação à eficiência da atividade para melhorar o desempenho oral com 24,4% dos alunos revelando que aprenderam muito e 53,7% afirmando que aprenderam bem.

Apesar das filmagens não terem sido o foco desta pesquisa, os dados coletados me indicam que as dramatizações ajudaram a proporcionar a concentração e a desinibição dos alunos na hora de aprender. Parece ter ocorrido a aprendizagem significativa, pois os alunos alegam segurança para se comunicar e bem-estar ao realizar a atividade.

Considerando as atividades de construção dos diálogos e filmá-los, qual nota (de 1 a 4) os alunos atribuíram ao aprendizado de pronúncia?	Alunos	%
1 - Não aprenderam	00	00,0%
2 - Aprenderam Pouco	05	12,2%
3 - Aprenderam Bem	23	56,1%
4 - Aprenderam Muito	13	31,7%

Quadro nº 3.20: Avaliação dos alunos para o aprendizado de pronúncia

Entre os alunos que afirmaram ter aprendido muito (31,7%) a pronúncia da língua inglesa, os relatos foram de que isso se deu devido aos treinos de pronúncia individuais e em grupo e que o fato de terem posto o que aprenderam em prática fez com que memorizassem o vocabulário e evoluíssem na pronúncia das frases. Segundo eles, a dramatização dos diálogos fez com que se interessassem mais para aprender nas aulas de Inglês, que as aulas foram muito produtivas e que a interação com os colegas fez com que se motivassem a aprender. Dois alunos afirmaram que apesar de não terem filmado os diálogos, aprenderam muito com a produção e com os ensaios para as filmagens.

Entre os alunos que afirmaram ter aprendido bem (56,1%), as argumentações foram de que os ensaios com a presença do professor foram fundamentais para a evolução na pronúncia das frases, que acharam fácil e diferente aprender por meio das dramatizações, que sentiram que poderiam ir além do que foi filmado, que na prática aprenderam mais do que na teoria, que acharam uma maneira fácil e divertida de aprender e que memorizar as falas para as filmagens contribuiu muito para o aprendizado da pronúncia e memorização do vocabulário. Entre os alunos que afirmaram ter aprendido pouco (12,2%), as argumentações foram de que isso se deu pelo fato de terem faltado muito às aulas ou por não terem se interessado em realizar a atividade. Alguns dos relatos foram:

- o *Jobson: Aprendi muito! Você fica nervoso querendo dar o melhor de si e isso faz com que nós se empenhemos.*
- o *Vinicius: Aprendi muito. As palavras saem naturalmente da minha boca. Algumas difíceis mas tudo bem.*
- o *Fernanda: Aprendi muito com a ajuda do professor de passar de pessoa em pessoa pegando a pronúncia correta de cada um.*
- o *Camila: Aprendi muito e foi muito produtivo.*
- o *Bruno: Aprendi muito, pois com a atuação fica mais difícil, porem quando se aprende nunca esquece.*
- o *Diego: Aprendi muito apesar de não ter feito o vídeo, mas durante o período de aprendizagem dos vocabulários eu sinto que aprendi muito.*

- o *Ana Carolina: Aprendi bem porque o professor nos ensinou como se pronúncia corretamente as palavras.*
- o *Luan: Aprendi bem porque o professor ensina muito e fala as palavras e o jeito que o professor ensina sobre pronúncias e tem um jeito especial de ensinar.*
- o *Quézia: Aprendi bem porque deu para ensaiar bastante até que ficou bom.*
- o *Augusto: Aprendi bem por causa da ajuda do professor e dos colegas.*
- o *Helen: Aprendi bem porque eu tenho mais facilidade para aprender na prática se divertindo. Foi divertido.*
- o *Reginaldo: Aprendi bem porque tive que memorizar os diálogos.*
- o *Gregoris: Aprendi bem porque houve sim um diálogo entre os colegas de grupo.*
- o *Caique: Aprendi bem porque o professor pegou no pé.*
- o *Larissa: Aprendi bem, mas poderia aprender bem mais se meu diálogo fosse mais complexo, mas ele foi simples.*
- o *Maria: Aprendi pouco porque não me interessei em fazer.*
- o *Jardeilson: Acho que aprendi pouco porque faltei muito na escola.*

De acordo com os relatos dos alunos, as atividades de construção de diálogos e filmagem dos mesmos foram válidas para a aprendizagem da pronúncia dos vocabulários. Esta abordagem pautada na oralidade de língua Inglesa motivou os alunos a aprender na prática. De maneira geral, os alunos ficaram bem mais interessados nas aulas de inglês. Segundo os relatos, ficou evidente a evolução na pronúncia e o domínio semântico das frases em língua inglesa relacionadas aos diálogos confeccionados por eles.

Quanto à nona questão, “Como eram as aulas de inglês anteriores?”, o intuito era conhecer o que foi ensinado para estes alunos no passado, em aulas que tiveram com outros professores. As opções de cópia, tradução, exercícios gramaticais, vocabulário e leitura em voz alta foram pré-estabelecidas (porque os alunos haviam informado terem sido essas as atividades em inglês nas séries anteriores) e os alunos foram orientados a marcar mais de uma alternativa, caso achassem conveniente. Através dela, foram coletadas as seguintes informações:

Como eram as aulas de inglês anteriores?	Veze Citadas	%
--	--------------	---

Cópia, tradução, exercícios gramaticais (verbo to be), vocabulário e leitura em voz alta	05	12,2%
Tradução, exercícios gramaticais, vocabulário e leitura em voz alta	01	02,4%
Cópia, tradução e leitura em voz alta	01	02,4%
Exercícios gramaticais, vocabulário e leitura em voz alta	01	02,4%
Tradução, vocabulário e leitura em voz alta	08	19,5%
Tradução e leitura em voz alta	03	07,3%
Cópia, tradução e vocabulário	01	02,4%
Cópia e exercícios gramaticais	03	07,3%
Vocabulário e leitura em voz alta	02	04,9%
Tradução e vocabulário	01	02,4%
Cópia e tradução	01	02,4%
Tradução e exercícios gramaticais	01	02,4%
Exercícios gramaticais e vocabulário	01	02,4%
Exercícios gramaticais (verbo to be)	05	12,2%
Tradução	02	04,9%
Vocabulário	04	09,8%
Leitura em voz alta	01	02,4%

Quadro nº 3.21: Como eram as aulas de Inglês anteriores

Os dados desta questão indicam que, no passado, os alunos foram submetidos a atividades que davam ênfase apenas aos aspectos gramaticais da língua inglesa, como: cópia, tradução, exercícios gramaticais, vocabulário e leitura e que a prática da oralidade em sala de aula não foi o objetivo das aulas em anos anteriores. Apesar desta questão não ser o foco desta pesquisa, me interessei por saber como eram as aulas que tiveram com outros professores e verificar a frequência de algumas atividades como: cópia, tradução, exercícios gramaticais, vocabulário e leitura em voz alta.

Os dados levantados neste questionário, como um todo, mostram que na opinião dos alunos o dinamismo das aulas práticas ajudou no aprendizado e que as repetições individuais e em grupo ajudaram na memorização das frases. Houve relatos de que as repetições ajudaram na memorização e aperfeiçoamento da pronúncia e que o fato de entender o que estava sendo dito fez com que se interessassem mais pelas aulas. De maneira geral, baseando-se no que eles disseram nos questionários, há fortes indícios de que os alunos gostaram das aulas com ênfase na oralidade e da atenção individual dada a eles por mim, como professor e pesquisador da turma. E que a minha paciência

e preocupação em ensiná-los fizeram com que gostassem da matéria e se dedicassem mais às atividades.

Os dados coletados mostraram que os alunos aprovaram os conteúdos ministrados por meio de uma abordagem prática pautada na oralidade, e que a metodologia usada para as aulas foi eficiente para ensiná-los, pois afirmaram ter ficado motivados para aprender. Treinar a oralidade tornou-se um incentivo à conversação e o uso da tecnologia como estímulo à criatividade os fez buscar diversos recursos para as produções dos vídeos. Isso tudo resultou em uma combinação para que aprendessem um pouco mais sobre a cultura estrangeira.

A produção dos vídeos a partir de situações cotidianas, ensinadas em sala de aula, teve como foco: a) a memorização dos conteúdos ministrados, b) o aperfeiçoamento da oralidade, c) o incentivo de atividades realizadas em grupos e d) propiciar o contato com o mundo multimídia, sempre com o intuito de incentivar a criatividade e o hábito de pesquisar por parte dos discentes. Durante o processo de produção dos diálogos, ensaios e filmagens, eles puderam treinar a conversação, pesquisar e aprender sobre gírias, pesquisar e aprender sobre aspectos culturais e também sobre a tecnologia.

Os alunos criaram diálogos para por em prática o que aprenderam e as encenações para a filmagem dos vídeos tiveram o intuito de aperfeiçoar a pronúncia dos vocábulos aprendidos. Essas escolhas de estruturas gramaticais e de vocabulário, que os alunos fizeram para a construção dos diálogos, compõem o conhecimento sistêmico no processo de construção de significados, pois, segundo os PCN LE (1998), esse conhecimento possibilita que as pessoas, ao produzirem enunciados, façam escolhas gramaticalmente adequadas, apoiando-se no nível sistêmico da língua, envolvendo vários níveis da organização lingüística, como por exemplo, léxico-semânticos, morfológicos, sintáticos e fonético-fonológicos.

Na leitura dos dados, torna-se clara a questão teórica dos conceitos espontâneos e científicos, difundida por Vygotsky (1934/1998), por que os alunos foram expostos a um conhecimento da Língua Inglesa, no caso a criação de um diálogo em inglês. Esses dois

conceitos fazem parte de um único processo: o desenvolvimento da formação de conceitos.

Considereei a apresentação dos dados tabulados com a turma de 41 alunos com base no resumo dos conceitos que fundamentam a proposta da Secretaria Estadual de Educação.

3.2 Questionário nº1 (Anexo 1)

Ao elaborar e aplicar o questionário nº 1, busquei compreender como meus alunos do 2ºB sentiram a aprendizagem nas aulas de Inglês nessa série, se gostaram das aulas, o que os bloqueava, como preferiam aprender Inglês e em qual etapa metodológica das aulas do projeto *English for Life* consideraram aprender melhor. Obtive também, dados relacionados ao grau de interesse de aprender outro idioma, quando estudaram a língua Inglesa anteriormente, quais os recursos metodológicos usados e através de seis sentenças escritas em Inglês, pude verificar o quanto aprenderam em relação ao que foi ensinado para a confecção dos diálogos.

Com base nos dados tabulados e analisados, pude perceber que os alunos gostaram das aulas de Inglês e sentiram que aprenderam, pois a maioria se considera capaz de falar e entender o que foi ensinado. Quanto aos bloqueios, os comuns envolveram questões como vergonha dos colegas quando cometem algum erro e timidez para falar em público. No que se refere às etapas do projeto envolvendo explicação do professor, repetição individual das frases, repetição em coro, tradução do Português para Inglês e produção do seu próprio diálogo, informaram, de maneira geral, aprender bem em todas elas. Com relação ao grau de interesse dos alunos em aprender outro idioma, os dados mostraram que, de maneira geral, se consideram muito interessados. Todos aprenderam Inglês nas séries anteriores, mas somente 3 alunos freqüentaram cursos de idiomas. Os relatos mostraram que no passado aprenderam inglês por meio de exercícios de tradução do Inglês para o Português e do Português para o Inglês, exercícios escritos de vocabulário e gramática, praticavam leitura e aprendiam com música.

As seis sentenças que os alunos traduziram mostraram que houve aprendizado por parte da maioria pois conseguem reconhecer as frases ensinadas. Os que não responderam ou cometeram erros argumentaram ter perdido a aula ou não estarem concentrados no dia da aula ministrada.

A maioria dos alunos afirmou não ter bloqueios para aprender Inglês e a insegurança foi atribuída à vergonha dos colegas quando cometem algum erro e timidez de falar em público.

Todas as lições foram temáticas e envolveram aspectos relacionados à prática da oralidade, dentro de uma perspectiva sócio-interacionista, uma vez que o foco esteve sempre na interação social e na idéia de que com o outro aprende-se mais do que sozinho, em atividades nas quais os alunos foram participantes da interação e parceiros na zona de construção.

3.3 Questionário nº2

A tarefa de produção dos diálogos e depois gravá-los deu ênfase a desafios e descobertas, sempre voltados para a prática da oralidade, buscando naturalidade nas frases, memorização e o aperfeiçoamento da pronúncia.

A partir do questionário nº2 busquei completar as impressões dos alunos sobre o projeto *English for Life* e da atividade de elaboração e filmagem dos diálogos. Nele os alunos se expressaram a respeito das aulas de Inglês, se consideraram útil o que aprenderam e se achavam que poderiam vir a usar o que foi ensinado, se consideravam que aprenderam o suficiente para por em prática o que foi ministrado nas aulas e se as atividades de dramatização mudaram a relação deles com a disciplina de língua Inglesa. Procurei saber também, como se sentiram ao realizar as atividades propostas, se sentiam que aprenderam melhor o idioma neste período do projeto, como foi apresentar seus vídeos para os colegas de classe, qual foi a sensação de produzir os diálogos e assisti-los, o que acharam de filmar os diálogos, se isso os fez aprender mais em relação à memorização do que foi ensinado e como eram as aulas de Inglês ministradas por outros professores em anos anteriores.

Os dados coletados neste questionário me forneceram informações sobre a opinião dos alunos a respeito da aplicabilidade do projeto e me possibilitou saber se os alunos consideraram úteis as atividades e as frases ensinadas e se achavam que poderiam vir a usar o que aprenderam. Os dados coletados mostraram que os alunos aprovaram a forma com que os conteúdos foram ministrados e que consideraram úteis as frases trabalhadas. Todos os alunos se expressaram de maneira muito positiva em relação ao projeto e às atividades envolvidas. A maioria acredita que aprendeu o suficiente para produzir, na vida real, pequenos diálogos em Inglês e que as atividades propostas mudaram de maneira positiva a relação deles com as aulas de Inglês. Muitos se consideraram motivados pelo professor para aprender e realizar as atividades do projeto e acham que as aulas e as filmagens foram descontraídas e que, apesar de alguns alunos se rotularem tímidos, consideraram que a produção de diálogos e as filmagens dos mesmos foram válidas para propiciar a aprendizagem. Todos os alunos relataram sentir que aprenderam melhor no período em que minha proposta de trabalho foi desenvolvida.

De acordo com os relatos dos alunos, eles se sentiram bem ao apresentar seus vídeos para os colegas de classe. Há afirmações de que se sentiram importantes com a atividade pronta. Apesar de algumas referências a timidez e vergonha dos colegas, isso não foi motivo para não realizar a atividade. De maneira geral, a grande maioria gostou de produzir seu próprio diálogo, filmá-lo e assisti-lo. Muitos disseram que acharam eficiente e bem divertida a atividade proposta, que melhorou a pronúncia, facilitou a memorização do vocabulário e que sentem que aprenderam mais e de uma maneira diferente. Apesar de relatos de vergonha, muitos disseram que se sentiram mais motivados e interessados a aprender nas aulas de Inglês, e que no início das atividades achavam que não conseguiriam.

No que diz respeito à atividade de filmar os diálogos, a maioria dos alunos relatou que gostou muito e que aprenderam bastante, tanto produzindo os diálogos como filmando e assistindo aos vídeos dos colegas. Houve relatos de que as aulas foram bem produtivas e que aprenderam se divertindo e isso fez com que os alunos se empenhassem e treinassem bastante, fazendo com que aprendessem mais e perdessem a vergonha.

Houve relatos de que os ensaios ajudaram no aprendizado não só de Inglês, mas de questões de outra natureza, como por exemplo: usar o editor de imagens *Windows Movie Maker* e sobre o mundo dos bastidores das filmagens. A grande maioria dos que se auto-classificaram como tímidos afirmou que apesar da vergonha aprenderam muito mais dessa maneira e que passaram a se dedicar nas aulas de Inglês, pois agora conseguiam falar algumas coisas e que a prática da oralidade fez com que aprendessem de maneira mais fácil.

No que diz respeito ao aprendizado de pronúncia, os relatos mostraram que aprenderam bem com a atividade de construir os diálogos e filmá-los. De acordo com os dados coletados, pude perceber que em anos anteriores os alunos não aprenderam por meio de atividades orais e que as aulas se resumiram a cópias, traduções, exercícios gramaticais, vocabulário e leitura em voz alta.

A melhora da competência lingüística foi um fato relevante apontado pelos alunos. Os resultados e as observações que fiz no diário digital durante a aplicação das atividades, revelaram o desejo e o interesse dos alunos por aprender a falar inglês, ampliando o conhecimento de mundo, o conhecimento sistêmico relacionado à gramática, à pronúncia das palavras e entoação e o conhecimento textual relacionado a um diálogo em um contexto de situação específico. Essa idéia é defendida pelos PCN (1998:55) ao afirmarem que a realização desse tipo de atividade privilegia a capacidade do aluno de interagir socialmente e coloca-o frente a situações reais do uso do idioma. Assim sendo, o incentivo de atividades desenvolvidas por meio de diálogos de situações reais, como foi o caso usado nesta pesquisa, oferece ao aluno a possibilidade dele experimentar e vivenciar diferentes papéis sociais

Considerações finais

Com o propósito de investigar quais impressões de aprendizagem os alunos revelaram durante o processo de aplicação das atividades de produção e filmagem dos diálogos, este estudo tinha como perguntas de pesquisa:

1 – O que os alunos acharam de aprender a língua inglesa através da atividade de preparação, dramatização e filmagem de diálogos?

2 - Que efeitos relacionados à motivação e interesse podem advir de uma abordagem prática pautada na oralidade de língua Inglesa?

Em relação à primeira pergunta, constatou-se que os ensaios e as filmagens mostraram resultados positivos relacionados à pronúncia das palavras, entoação e ao conhecimento textual relacionado a um diálogo em um contexto de situação específico. A atividade, segundo os relatos dos alunos, facilitou a memorização e a fluência na pronúncia, principalmente na hora dos erros de gravação que, além de descontrair a atividade, favoreceu o aprendizado de todos os envolvidos.

A melhora da competência linguística foi um fato relevante apontado pelos alunos. Os resultados mostram que o uso de atividades que envolvam contextos reais possíveis de serem vividos pelos alunos, seguidas de exercícios de produção escrita ensaiados e filmados, podem promover favoravelmente a evolução na produção oral e o aperfeiçoamento tecnológico dos alunos, além de romper bloqueios e motivá-los a estudar.

Os PCN LE (Brasil, 1998:55) informam que um dos caminhos a se trilhar é o estímulo à capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa, fazer suposições, inferências em relação aos conteúdos, porque permite ampliar a capacidade de abstrair elementos comuns a várias situações, para fazer generalizações e aprimorar as possibilidades de comunicação ao criar significados por meio da utilização da língua, constituindo-se como ser discursivo em língua estrangeira

e de acordo com Vygotsky (1934/1998: 52-53), é por meio da aprendizagem nas relações com os outros que construímos os conhecimentos que permitem nosso desenvolvimento mental.

Posso dizer que o que faltava para motivá-los era fazer com que sentissem que estavam aprendendo inglês e percebessem que podiam usar o que aprenderam de alguma forma e em algum lugar.

Com relação à segunda pergunta, através dos dados coletados, pode-se notar que os alunos ficaram bem mais motivados a aprender inglês e que a criação dos diálogos serviu para provar para eles que são capazes de se comunicar em pequenos contextos. As atividades apontaram aprendizagem de conteúdo linguístico e aprendizagem de outros conteúdos como aperfeiçoamento tecnológico e digital, técnicas de iluminação, filmagem, edição de imagens e sonoplastia.

As observações que fiz em meu diário digital durante a aplicação das atividades, revelaram desejo e interesse dos alunos por aprender a falar inglês nas aulas do projeto, ampliando o conhecimento de mundo, o conhecimento sistêmico relacionado à gramática, à pronúncia das palavras, entoação e ao conhecimento textual relacionado a um diálogo em um contexto de situação específico. Houve efeitos práticos na oralidade dos alunos, com o resgate da auto-estima e vontade de aprender inglês. Com esta pesquisa pude analisar a evolução dos alunos em relação aos conteúdos ensinados e perceber o quanto motivados ficaram para aprender. Essa idéia é defendida pelos PCN (1998:55) ao afirmarem que a realização desse tipo de atividade privilegia a capacidade do aluno de interagir socialmente e coloca-o frente a situações reais do uso do idioma. Assim sendo, o incentivo de atividades desenvolvidas por meio de diálogos de situações reais, como foi usado nesta pesquisa, oferece aos alunos a possibilidade de experimentar e vivenciar diferentes papéis sociais.

Em relação a si próprios, alguns alunos disseram que perceberam mudanças no decorrer das atividades que favoreceram para que se sentissem mais felizes e à vontade. A descoberta dessa mudança além de motivá-los, tornou-os mais seguros em suas decisões, promovendo o desenvolvimento de sua personalidade. Essas mudanças nas

relações de ordem interpessoal e pessoal estão diretamente ligadas às questões afetivas. Para que a aprendizagem seja relevante, as emoções, os sentimentos devem ser levados em conta. Assim como a razão, a afetividade é um componente que faz parte do ser humano e que não deve ser esquecido na construção do conhecimento. Dessa forma, a teoria vygotskyana é importante como embasamento para esta pesquisa porque ela considera que o homem se desenvolve como ser humano, como um todo levando em conta as dimensões afetivas e cognitivas, sem divisões. Em suma, esta pesquisa mostrou indícios de que é importante a aplicação da atividade de construção de diálogos, seguida de encenação e filmagem porque promovem o desenvolvimento do ser da seguinte forma: contribuem para a quebra da barreira da inibição em situação de produção oral da Língua Inglesa; permitem que os alunos adquiram aprendizagens diversas; interajam socialmente com os colegas e com o professor; desenvolvam deveres de responsabilidade e comprometimento com o trabalho proposto e respeito com o próximo; desenvolvem a auto-estima, autoconfiança e segurança.

Acredito que conhecer melhor a realidade desses adolescentes me ajudou a coletar dados importantes para esta pesquisa, principalmente, no que diz respeito à motivação e ao desenvolvimento de aulas que atraíssem cada vez mais sua atenção, possibilitando a aprendizagem.

Nesta pesquisa, pude observar como as aulas por mim planejadas e ministradas surtiram efeitos positivos e práticos na oralidade dos alunos e qual o seu efeito no resgate da auto-estima e vontade de aprender inglês. Com este estudo, pude analisar a evolução dos alunos em relação aos conteúdos ensinados e perceber o quanto motivados ficaram para estudar.

Os PCN-LE (1998:28) contemplam, em linhas gerais que a aprendizagem de uma Língua Estrangeira proporcionará: 1. Aumentar o conhecimento sobre a linguagem que o aluno construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis; 2. Possibilitar que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitua em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira.

Constatei com a aplicação dos questionários 1 e 2 , que as etapas metodológicas do projeto *English for Life* funcionaram e foram eficazes para motivar os alunos a aprender Inglês. Segundo os relatos, os alunos gostaram e aprovaram a sequência metodológica e a atividade de filmagem dos diálogos. Os PCN-LE (1998:55) sugerem que, desde o início da aprendizagem, a oralidade deve ser incentivada e desenvolvida por meio de diálogos autênticos, que reflitam as situações reais de fala. Essa prática proporciona que, de certa forma, se amplie a consciência dos alunos sobre os sons da língua, bem como a importância que a produção oral tem no exercício das interações sociais. Diante disso, acredito que minha proposta de trabalho com a elaboração de diálogos, para serem dramatizados e gravados contribuiu para que os alunos melhorassem seu desempenho oral e ficassem mais motivados para estudar inglês.

Acredito que a defasagem intelectual com que vários alunos das periferias estão chegando ao Ensino Médio dificulta a prática de atividades reflexivas voltadas para regras gramaticais. Penso que para esses alunos aulas práticas focadas na oralidade facilitam a memorização e assimilação da língua em questão. Através do projeto, os alunos envolvidos ficaram mais interessados em praticar a oralidade e as filmagens serviram de estímulo para a memorização e conseqüentemente melhorou a pronúncia e a auto-estima dos envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.

ASSMANN, H. (org). Redes digitais e metamorfoses do aprender/ Hugo Assmann (org). Rosana Pereira Lopes, Rosimeire Carvalho do Amaral Delain, Gilberto Canto, Getúlio de Souza Nunes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, pp.33-35.

BRASIL, Ministério da educação e do desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais Introdução. Brasília. MEC, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais Língua estrangeira. Brasília. MEC, 1998.

HUTCHINSON, T; WATERS, A. English for specific purposes: a learning-centred approach. Cambridge: Cambridge University Press. 1987. pp.:53-64.

MACHADO, A. R; LOUSADA, E. ; Abreutardelli L. S. Planejar Gêneros Acadêmicos. SP: Parábola. 2009. 4ªed.

NUNAN, D. Research methods in language learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ROGERS, C.R. Freedom to Learn. Colombus, OH: Merrill, 1969.

SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Língua Estrangeira Moderna (LEM). São Paulo: SE/SEE, 2008.

WIDDOWSON. H. D. Teaching English as Communication. London: Oxford University Press, 1978.

WILKINS, D.A. Notional Syllabuses. Oxford: Oxford University Press, 1976.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Anexo 1

Questionário nº 1

Nome: _____ Idade: _____

Na questão abaixo, assinale com um X **uma ou mais** alternativas.

1. Você sente que está aprendendo nas aulas de Inglês desta série?

() **sim**

- () consigo falar o que foi ensinado
- () consigo entender o que foi ensinado
- () consigo entender e falar o que foi ensinado

Argumente: _____

() **não**

- () não estou aprendendo
- () não consigo falar e nem entender

Argumente ; _____

2. Você gosta das aulas de Inglês?

☐ sim ☐ não

Por que? _____

3. Você acha mais fácil aprender nas aulas do Projeto English for Life?

☐ sim ☐ não

Por que? _____

Nas questões 4 e 5 classifique de 1 a 4

4. Qual etapa você acha que aprende melhor?

1 - não aprende

3 - aprende bem

2 - aprende pouco

4 - aprende muito bem

- ☐ Explicação do professor
- ☐ Tradução do Português para Inglês
- ☐ Repetição Individual das frases
- ☐ Repetição em coro
- ☐ Produzindo seu próprio diálogo (suas falas)
- ☐ Ouvindo música e traduzindo do inglês para o português

5. O quanto se sente interessado em aprender outro idioma?

1 ☐ – não me interessa

3 ☐ – me interessa

2 ☐ – tenho um pouco de interesse

4 ☐ – estou muito interessado

Argumente:

6. Como você prefere aprender inglês?

☐ sozinho

☐ nas aulas de inglês da escola

☐ com colegas

☐ no curso de idiomas

Por quê? _____

Nas questões 7 a 10 abaixo, marque com um X **uma ou mais** alternativas, se necessário.

7. Quando você estudou inglês antes?

☐ pré-escola

☐ 1ª a 4ª série.

☐ 5ª a 8ª série

☐ 1ª a 2ª série do ensino médio

☐ escola de idiomas.

8. O que você fazia nas aulas de inglês das séries anteriores?

- ☐ tradução do inglês para o português.
- ☐ tradução do português para o Inglês
- ☐ exercícios escritos de vocabulário e gramática.
- ☐ leitura.
- ☐ memorização e apresentação oral de diálogos.
- ☐ encenação de peças de teatro em Inglês?
- ☐ músicas
- ☐ vídeos

() aprendizagem através de situações cotidianas

() Outros?

Quais? _____

9. O que você sabe reconhecer em inglês? Marque com um X e traduza.

a. () How do you say “Festa” in English?-----

b. () I am lost! Where is Paulista Avenue?-----

c. () How much is your car?-----

d. () I don't understand English!-----

e. () Can I talk to your brother, please?-----

f. () I am not feeling well! -----

10. Você se sente à vontade falando inglês em sala de aula?

() sim () não

Justifique: _____

11. O que te bloqueia e te impede aprender inglês? Marque com um X uma ou mais alternativas, se necessário

() não tenho bloqueios para aprender inglês.

() atitude do professor diante dos erros

() vergonha dos colegas quando comete um erro

() timidez em falar em público

() falta de interesse

Anexo 2

Questionário nº 2

Avaliação da proposta de atividades de produção dos diálogos e filmagem dos vídeos

Nome: _____

O questionário abaixo me ajudará a entender a sua opinião e impressão a respeito da proposta de atividades de produção de diálogos e filmagem dos vídeos nas aulas de inglês. Conto com a sua colaboração!

1. Você acha que as frases que aprendeu na primeira etapa do projeto são úteis? Destas, qual você acha que poderia vir a usar? Por quê?

2. Você acredita que aprendeu o suficiente para produzir pequenos diálogos na vida real e que as atividades mudaram a sua relação com as aulas de inglês? Por quê?

3. Como você se sente ao realizar as atividades do projeto? Assinale com um X mais de uma alternativa.

- ☐ motivado pelo professor ☐ desmotivado pelo professor
☐ tímido ☐ descontraido
☐ sem interesse

4. Você sente que aprendeu melhor a Língua Inglesa neste período da proposta de trabalho?

- ☐ sim ☐ não

Por quê?

5. Como você se sentiu ao apresentar seu vídeo para sua classe?

Assinale com um X mais de uma alternativa, se desejar.

- ☐ bem ☐ muito bem
☐ pouca vergonha ☐ muita vergonha
☐ importante ☐ triste
☐ nervoso

6. Qual a sua sensação ao produzir seu próprio diálogo e assisti-lo depois?

7. O que você achou da atividade de filmar os diálogos? Você acha que isso te fez aprender mais?

8. Considerando as atividades de construção dos diálogos e filmá-los, qual nota (de um a quatro) você pode atribuir ao seu aprendizado de pronúncia?

- 1 ☐ não aprendi 2 ☐ aprendi pouco
3 ☐ aprendi razoavelmente 4 ☐ aprendi muito

Por quê?

9. Como eram as aulas antes? Assinale quantas alternativas desejar.

1. ☐ cópia
2. ☐ tradução
3. ☐ exercícios gramaticais (verbo to be)
4. ☐ vocabulário
5. ☐ leitura em voz alta

Anexo 3 - DESCRIÇÃO DAS AULAS

Situação 1: *At school*

Student: How do you say amigo?

Teacher: You say “Friend”?

Student: How do you say “Eu amo você” in English?

Teacher: You say “I love you”

Mike: Teacher, how do you say “meu carro” in English?

Teacher: You say “my car”

Fabiana: How do you say “Em casa”?

Teacher: You say “At Home”.

Frases

They are at school

We are at Mario Kozel School

You are at school

I love my school

The student is your friend

He is at home

It is my car

She is the teacher

Vocabulário

How do you say...? – Como se diz...?

At School – Na Escola

At home – Em casa

My – Meu minha, meus minhas

Your – seu, sua, seus , suas

Friend – Amigo(a)

Car – Carro

Teacher – professor(a)

Love - Amor

Verbos

To Love – Amar

To say - dizer

Situação 2: *Asking for information*

Willian: Where is Mário Kozel School?

Evelyn: It's on Tietê Street.

Daniel: An information, please. Where is Masp?

Ana: It's on Paulista Avenue.

Patrick: Where are your books?

Vanessa: They are at home

Stephanie: Where are David and Rosana?

Thiago: They are at school

Sabrina: I am lost! Where is Plaza Hotel?

Jonnas: It is on Pires do Rio Avenue.

Frases

Where is D'avó supermarket? It is on Marechal Tito Avenue.

Where is your car? It is at home.

Where are the boys? They are asking for information at school

Where are my friends? They are on the street.

Where is Habbib's?

He is lost

We are lost

My cat is lost!

Vocabulário

Asking for information – Pedindo/perguntando uma informação

Where – Onde, aonde

Where is...? – Onde é...? Aonde está...?

Where are...? – Aonde estão, onde são...?

Avenue - Avenida

Street – Rua

Book – Livro

Boy – Menino

Cat - Gato

Please – Por favor

Supermarket - Supermercado

On the street – Na rua

Verbos

To ask – Perguntar

Situação 3: *The visit*

Fabício: Can I talk to João, please?

Aline: Wait a moment!

Fabício: Ok!

Aline: João is not in! What is your name?

Fabício: Fabício Santos

Aline: And what is your telephone number?

Fabício: It is 2644-5467.

Aline: Thank you! Bye!

Fabício: Bye-bye!

Frases

Can I talk to you? – Wait a moment!

Can I talk to your mother? - She is not in.

Can I talk to my brother, please?! - He is at the supermarket.

Can I talk to Mister Fabiano? - What is your e-mail, please?

She is the visit!

The teacher is not in!

Vocabulário

The Visit – A visita

Can I talk to...? Posso falar com...?

Wait a moment - Espere/aguarde um momento

...is not in! - ... não está!

What is your ...? – Qual é o seu/sua...?

Brother – Irmão

Mother – Mãe

Father - Pai

Mister – Senhor

Miss - Senhorita

Name – Nome

Thank you – Obrigado(a)

Bye! – Tchau!

Telephone/ phone number – Número de telefone

Verbos

To talk – Falar/conversar

To wait – Esperar/aguardar

Situação 4: *Asking about prices*

Roberto: How much is the Hot-dog?

Cleber: It is \$ 2,00.

Beatriz: How much are the notebooks?

Mirian: They are \$ 20,00.

Frases

How much are the bikes?

How much is your house?

How much are the CDs?

How much is a pen?

He is asking prices.

Vocabulário

Asking prices – Perguntando preços

How Much...? – Quanto...?

How much is...? Quanto é...?

How much are...? Quanto são...?

Notebook – Caderno

Bike – Bicicleta

Pen – Caneta

House - Casa

Hot-Dog – Cachorro-quente

Situação 5: *In the classroom*

Teacher: Erick, read!

Erick: Teacher I don't understand! What is the meaning of "read"?

Teacher: Leia.

Erick: Thank you!

Teacher: You're welcome!

Teacher: Carol, what is the meaning of "Sister"?

Carol: I don't understand! Speak Portuguese, please!

Frases

I don't understand you!

We don't understand the teacher.

I speak English!

They don't speak English.

Read my book!

She is my sister.

My sister is in the classroom.

Vocabulário

In the classroom – na sala de aula

What is the meaning of...? – Qual é o significado de...?

I don't understand! – Eu não entendo!

Sister – Irmã

Read – Leia

Write - Escreva

Portuguese - Português

Thank you – Obrigado(a)

You're welcome – Por nada

Verbos

To read – Ler

To Speak – Falar/conversar

To understand – Entender

To mean – significar

To write - Escrever

Situação 6: ***At the hotel***

Vanusa: I want to rent a double room!

Attendant: Your name and documents, please

Vanusa: Vanusa Santos

Attendant: Wait a moment, please.

Vanusa: Ok!

Attendant: Your room is the number seven!

Vanusa: Thank you!

Frases

We want two friends.

You want a new computer.

They rent bikes.

We want to rent a house.

They want to rent a car.

Vocabulário

At the Hotel – No Hotel

Double-room – Quarto de casal

Single-room – Quarto de solteiro

Verbos

To rent – alugar

To want – querer

I want to rent a...! – Eu quero alugar um(a)

Situação 7: *At the hospital*

Lucas: I am not feeling well!

Douglas: You have a fever! Let's go to the hospital!

Lucas: Yes! Let's go!

Frases

I am not feeling well!

She/he is not feeling well!

I have two brothers.

We have ten books.

They have two bikes.

Let's go to the beach!

Let's go to the party!

Construções Negativas

I am not David! I am Alex.

She is not my friend.

He is not your teacher.

It is not my car.

We are not at the hospital.

They are not at home.

Vocabulário

At the hospital – no hospital

Feeling well – Sentindo-se bem

I am not feeling well – Eu não estou me sentindo bem.

Let's go to the... - vamos para...

Let's go! – Vamos!

Beach – praia

Party – festa

Verbos

To have – ter

I have ten reais – Eu tenho dez reais

You have a fever – você(s) tem febre

We have the Power – Nós temos o poder

They have your phone number – Eles/elas tem o seu telefone

Construções Negativas

I don't have a car – Eu não tenho carro

You don't have two sisters – você(s) não tem duas irmãs

We don't have money – Nós não temos dinheiro

They don't have a home – Eles/elas não tem um lar

Anexo 4 - DIÁRIO DIGITAL DO PROFESSOR

Produção dos diálogos

Tanto a pré-produção quanto a produção dos diálogos foram bem tranquilas. Os alunos, apesar de agitados e falantes, foram bem participativos e demonstraram boa vontade em fazer as atividades.

Quatro aulas foram destinadas para a confecção dos diálogos.

Na primeira aula e segunda aula do dia 31/05/2011, expliquei que a atividade seria feita em grupos de até cinco pessoas e que eles deveriam folhear o caderno e basear-se nas situações aprendidas até então, para formular novos diálogos contextualizados com falas para todos os participantes. Orientei-os para que não fizessem nada em Português, pois a proposta é de que se imaginassem em uma situação real em Inglês para iniciar a produção textual. Argumentei que as empresas estão atrás de pessoas dinâmicas e proativas que saibam trabalhar em grupo e que a atividade seria um pretexto para praticar essas instruções.

Andei pela sala enquanto os grupos discutiam o que seria feito e respondi às dúvidas quando requisitado. Em todos os grupos eu tive que reforçar qual seria a proposta da aula e tive que chamar a atenção de alguns alunos para que não se dispersassem, pois o tempo era precioso e uma das orientações era que a atividade fosse feita em sala de aula e que todos deveriam ter cópias dos diálogos nos cadernos. Adotei esta medida para que não copiassem qualquer coisa de livros ou da Internet e para que durante o treino das falas não houvesse desculpas de esquecimento do material. Nessa aula, as falas de alguns grupos ficaram praticamente prontas, mas em alguns grupos a ideia não fluiu com tanta facilidade.

Na terceira e quarta aula, realizada em 07 de Junho, devolvi alguns diálogos corrigidos e pedi para que cada aluno lesse suas falas para mim. Sentei-me com cada um dos grupos, li e corriji o que tinha sido feito e em alguns grupos, eu mesmo folhee os cadernos e dei alguns exemplos de como a atividade deveria ser feita. Argumentei que a nota daquele dia seria o diálogo pronto e uma cópia do mesmo no caderno de cada um dos componentes do grupo. Assim que terminassem, eu corrigiria. Esta medida foi para garantir que na falta de um dos componentes do grupo o diálogo estivesse registrado no caderno dos outros componentes para ser usado quando requisitado. A aula se desenvolveu com esclarecimentos de dúvidas e correção de erros. A sala estava bem receptiva e, novamente, todos participaram. Com os diálogos prontos, cada aluno fez suas anotações de pronúncia e o final da aula, foi dedicado para treinar e elaborar o que viria a ser o vídeo com encenação dos diálogos criados.

Na quinta e sexta aula do dia 14 de Junho, avisei aos grupos retardatários que a atividade deveria ser concluída naquele dia. Orientei-os rapidamente e o restante das aulas foi usado para passar alguns dos filmes produzidos em anos anteriores. Nesta aula, os alunos puderam se inspirar nos modelos da atividade já pronta e treinaram a parte auditiva do vocabulário aprendido até então. Na seqüência, 25 minutos, foram destinados ao documentário “Luz, câmera...educação!”, que se propõe a apresentar os bastidores e algumas técnicas básicas de edição e a escolha de ângulos e recursos comuns nas filmagens profissionais. Na segunda parte da aula, os alunos praticaram a dinâmica oral de seus diálogos, com a minha supervisão. Sentei-me com cada grupo e

pedi para que cada um lesse suas falas para mim. Os alunos fizeram anotações de pronúncia, e juntos treinamos um pouco de entoação e ritmo. Percebi que alguns alunos adoraram praticar e que os mais tímidos, apesar do medo de errar, ficaram à vontade comigo.

Aparentemente todos gostaram dos vídeos feitos em anos anteriores e o comentário era que eles estavam entendendo o que estava sendo dito nos vídeos. Percebi que muitos ficaram empolgados com a possibilidade de usar várias tecnologias nas edições e que ver o que já foi produzido por outros adolescentes desafiou alguns a fazer um vídeo melhor. A partir dessa etapa, dois grupos me pediram para ajudá-los a produzir um novo diálogo. Orientei-os a revisar as situações do caderno e me mostrar algo na aula seguinte.

No dia 21 de junho/06, as duas aulas foram dedicadas a apresentar o programa de edição de imagens “Windows Movie Maker”. Esclareci que existem vários programas de edição de imagens, mas optei por esse programa pela sua facilidade de uso e disponibilidade. Argumentei que alguns comandos são padrões em programas diferentes.

Expliquei como importar vídeos, fotos e sons do computador para o programa, como usar efeitos e transições de imagens, como colocar legendas, títulos e créditos finais. Usei algumas imagens feitas durante a aula para fazer um pequeno vídeo. Fizemos cortes nos vídeos, inserimos um fundo musical e colocamos algumas legendas. Usamos os recursos disponíveis de diversas formas. Cortamos a música na hora das falas e usamos o efeito de diminuir o volume da música aos poucos (Fade in), para depois retornar suavemente (fade out). A aula foi curta demais frente à infinidade de assuntos que poderiam ser abordados. A aula não teve nem um momento de interrupção e os alunos que ainda não sabiam mexer com esse programa ficaram realmente interessados em aprender. Alguns pediram para que fossem reservadas outras aulas, pois eles adoraram aprender um pouco sobre edição de imagens. Percebi que a grande maioria fez algum tipo de anotação. Ao final da aula indiquei o site www.youtube.com e recomendei que procurassem por vídeos tutoriais de edição de vídeos, digitando: “como editar vídeos com o Windows Movie Maker?”

A primeira aula do dia 28 de Junho foi dedicada a apresentar o programa “After Effects” da empresa de recursos e programas tecnológico Adobe. O foco foi os recursos do programa de edição de efeitos Chroma-key, pelo qual os alunos aprenderam à substituir um fundo-fantasia azul ou verde, por outro de sua preferência, que no caso, seria um cenário virtual. Na segunda parte desta aula, orientei os alunos para a filmagem dos diálogos e aconselhei-os a usar o período do recesso escolar para executá-lo e adiantar o processo. Orientei-os com dicas sobre ângulos ideais para capacitação de imagens, tipos ideais de iluminação, posicionamento da câmera. Indiquei o site www.google.com para solucionar eventuais dúvidas de manuseio e busca do programa.

Percebi que para alguns alunos, aquele programa era muito avançado, mas mesmo assim, ficaram vidrados nas explicações e maravilhados com a infinidade de recursos que poderiam ser usados. Outros alunos afirmaram já conhecer o programa e me ajudaram com algumas dicas. No geral a aula foi bem curta para ensinar tantas coisas complexas mas, bem proveitosa e os alunos, aparentemente, adoraram.

No dia 05 de Julho, dei as orientações para o preenchimento do primeiro questionário. Tudo correu de maneira bem tranqüila e os alunos responderam ao questionário com muita boa vontade. Expliquei que era muito importante a sinceridade de todos e que haveria uma parte do questionário com seis frases em Inglês que era destinada a verificar o quanto aprenderam em relação às frases ensinadas até então, e que não seria permitida nem um tipo de consulta aos cadernos, nem aos colegas. Os alunos cooperaram e não tive nem um problema com o preenchimento dos questionários.

A segunda parte da aula foi novamente dedicada a percorrer todos os grupos e ouvi-los lendo suas falas no diálogo. Nessa aula, os alunos se mostraram bem seguros quanto às pronúncias e junções das palavras e poucas observações foram feitas. Expliquei que os vídeos deveriam ser produzidos o quanto antes, pois precisariam de cerca de quinze dias para a edição de imagens. Argumentei que quando os vídeos são gravados em formatos diferentes dos aceitos no Windows Movie Maker, o recurso de conversão de vídeos deverá ser usado. Se isso acontecesse, eles deveriam baixar o programa de conversão de imagens em casa ou em uma “Lan house”. Orientei-os que isso deveria ser feito com muita antecedência, pois nem todos os recursos estariam disponíveis tão facilmente.

Dei exemplos de formatos de programas básicos, como: AVI, 3GP, GPP, FLASH, WMV e MP4 e recomendei dois programas gratuitos de conversão de imagens: *“Agree all video converter”* e *“Format Factory”*, facilmente encontrados na Internet. Dispus-me a esclarecer quaisquer dúvidas caso fosse necessário.

Após o recesso escolar, as aulas do dia 26 de Junho e 02 de Agosto foram dedicadas à execução das filmagens e edição dos vídeos com a minha supervisão. Foi dada a opção de filmar em outro ambiente, fora do âmbito escolar, caso fosse à preferência do grupo e usar as aulas para fazer a edição, com a possibilidade do uso de laptops particulares. Aproveitei estas datas para que os alunos que ainda não tivessem preenchido o primeiro questionário pudessem preenchê-lo.

Dois grupos optaram por filmar em outro local, mas os demais grupos foram filmados por mim. Durante as filmagens, tivemos a oportunidade de treinar as pronúncias e aproveitar os erros de gravação para descontrair a atividade e memorizar as falas de maneira eficiente e prazerosa. Percebi que os alunos envolvidos estavam muito dispostos a realizar a atividade e reprimiram severamente qualquer tipo de interrupção causado por curiosos. Em todo o processo, eu tentei deixá-los confortáveis e tratei os erros com muita naturalidade. Senti que alguns alunos estavam felizes de estar executando as filmagens e que realmente houve resgate na auto-estima e melhora no desempenho das aulas.

No dia 09 de Agosto os alunos assistiram aos vídeos produzidos pelos colegas e ao término, responderam o questionário 2, que tinha como objetivo saber a opinião deles a respeito da atividade de filmagem dos diálogos dramatizados e o quanto ela contribuiu para o aperfeiçoamento das pronúncias e memorização do vocabulário aprendido. Neste questionário eu também investiguei quanto motivados, os alunos ficaram para aprender e se as atividades propostas foram realmente válidas.

De maneira geral, os alunos gostaram muito de ver aos vídeos prontos e houve muitos relatos de superação, pois alguns alunos achavam que não conseguiriam realizar a atividade. Este foi um momento muito gratificante para mim, pois muitos elogiaram a atividade e relataram que aprenderam muito e adorariam repeti-la em outra ocasião.

Enquanto assistia aos vídeos com os alunos, pode perceber que a atividade realmente motivou-os a aprender, e que de maneira geral, houve um grande esforço de todos os envolvidos, para que os vídeos ficassem o melhor possível.

Os vídeos dos alunos que filmaram sozinhos apresentam alguns erros, que eu considerei positivos, pois enquanto gravavam, eles sentiram a necessidade de falar além do que tinha sido elaborado nas aulas e procuraram por traduções que não funcionaram muito bem, mas que garantiram o entendimento da cena.

No dia 09 de Agosto, após os alunos assistirem aos vídeos produzidos no projeto, foi aplicado o segundo questionário, que tinha como objetivo saber a opinião deles a respeito da atividade de filmagem dos diálogos dramatizados, o quanto ela contribuiu para o aperfeiçoamento da pronúncia e memorização do vocabulário aprendido e se ficaram motivados para aprender inglês. Dei as orientações e o questionário foi preenchido sem problemas. Percebi que os alunos estavam bem dispostos e satisfeitos com os resultados da atividade concluída.